

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Programa de Pós-Graduação em Psicanálise Clínica e Cultura

Renata Maria Conte de Almeida

**ENTRE A RUA E A BONECA ROUBADA, O BRINCAR À (A) BEIRA DO
DESAMPARO: um ensaio psicanalítico.**

Porto Alegre

2020

Renata Maria Conte de Almeida

**ENTRE A RUA E A BONECA ROUBADA, O BRINCAR À (A) BEIRA DO
DESAMPARO: um ensaio psicanalítico.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicanálise, Clínica e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Gabriela Ferrari

Porto Alegre
2020

Renata Maria Conte de Almeida

**ENTRE A RUA E A BONECA ROUBADA, O BRINCAR À (A) BEIRA DO
DESAMPARO: um ensaio psicanalítico.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicanálise, Clínica e Cultura.

Profa. Dra. Andrea Gabriela Ferrari – UFRGS (Orientadora)

Profa. Dra. Miriam Debieux Rosa – USP (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes – PROPUR UFRGS (Banca Examinadora)

Profa. Dra. Roselene Ricachenevsky Gurski – UFRGS (Banca Examinadora)

Porto Alegre, 11 de setembro de 2020.

Às crianças e adolescentes da Casa
dos Cata-Ventos pelo aprendizado em meio
às brincadeiras e à vida.
Aos bebês que sempre me inspiraram
a aprender, compreender e melhor cuidar.

AGRADECIMENTOS

À minha família, pela aposta em ato: no amor, como forma de incentivo.

À Universidade pública, que me recebeu mais uma vez e permitiu que eu produzisse novo giro em minha formação. Agradeço a todos os professores, colegas de Mestrado e funcionários que, com seus trabalhos, enriqueceram o meu.

À minha banca examinadora, que já produziu trabalho e desdobramentos em minha escrita, pelas pertinentes questões levantadas em minha qualificação e nas disciplinas cursadas e refletidas no presente ensaio. Muito obrigada pela leitura cuidadosa e criteriosa.

À minha orientadora, Profa. Dra. Andrea Ferrari, que acompanhou o meu percurso de Mestrado com acuidade e respeito aos tempos da escrita e da escritora. Atravessar o tempo da pandemia e dar corpo à uma escrita foi tarefa delicada e árdua. Obrigada, Andrea, pelo acolhimento.

À equipe da *Casa dos Cata-Ventos* que, coletivamente, construiu uma intervenção psicanalítica tão potente na cidade de Porto Alegre. Agradeço o sonho compartilhado discutido e realizado. Agradecimento especial às parceiras de coordenação desse

Maria Gageiro, Sandra Djambolakdjian Torossian e Eda Estevanell Tavares

Aos amigos, por trazerem leveza e humor aos tempos difíceis que vivem

RESUMO

O ensaio aqui esboçado tem como questão norteadora pensar uma intervenção psicanalítica realizada, numa rua, de uma vila, da cidade de Porto Alegre, durante o brincar de dois bebês com uma boneca. Apresenta o projeto de trabalho *Casa dos Cata-Ventos*, o desdobrar da cena do brincar, a intervenção e o reencontro com um dos bebês quase dois anos após, num novo brincar. A autora busca, junto à Filosofia e à Psicanálise, um constructo teórico que permita pensar e elaborar a angústia que resta da primeira cena, no encontro com o brincar à (a) beira do desamparo. Para tal, aproxima o tempo do brincar à construção da fantasia que faz tela ao gozo e se utiliza de elementos da interpretação dos sonhos freudiana, do olhar das imagens e da própria cidade para a compreensão do despertar provocado pela cena. Para sustentar a intervenção, realizada dentro da ética da Psicanálise, propõe o termo secretário do alienado como posição fundamental ao analista que trabalha sem a possibilidade de conhecer a história e familiares de crianças. Pergunta, ainda, se não seria essa uma posição necessária ao analista que intervém com seu ofício de escuta fora do setting tradicional, na *pólis*, dentro dos territórios de vulnerabilidades.

Palavras-chave: Psicanálise. Bebê. Desamparo. Secretário do alienado. Posição do analista.

ABSTRACT

The essay outlined here has the guiding issue of inquiring a psychoanalytic intervention carried out, on a street, in a village, in the city of Porto Alegre, during a playing scene of two babies with a doll. It also presents the project *Casa dos Cata-Ventos*, the unfolding of the playing scene, the intervention, and the reunion with one of the babies almost two years later, in a new playing environment. The author seeks from Philosophy and Psychoanalysis a theoretical construction that allows thinking and elaborating the anguish that remains from the first scene, in the encounter with the scene of playing on the border of helplessness. To this end, it approaches the time of playing with fantasy's construction that makes canvas to *jouissance*; and uses elements of Freudian dreams' interpretation, the look of images and the city to understand the awakening caused by the scene. To support the intervention, performed within the Psychoanalysis' ethics, it proposes the term secretary of the alienated as a fundamental position for the analyst who works without the possibility of knowing the family history of the children. It also discusses the issue if this would not be a necessary position for the analyst who intervenes, with its listening practice, outside the traditional setting, in the *pólis*, within socially vulnerable territories.

Keywords: Psychoanalysis. Babies. Helplessness. Secretary of the alienated. Analyst position.

SUMÁRIO

1 CASA DOS CATA-VENTOS: UM DISPOSITIVO CLÍNICO-POLÍTICO	8
2 OS BEBÊS E A PESQUISA	13
3 A PRIMEIRA CENA	18
4 ESBOÇO DE UMA TELA TEÓRICA PARA O OLHAR NAS CENAS COM OS BEBÊS	21
5 CONSIDERAÇÕES SOBRE UM TEMPO: O DESEJO DE CONSTRUIR	34
6 OS LABIRINTOS FILOSÓFICOS DO DESPERTAR COMO MÉTODO	36
6.1 A Imagem	43
6.2 Imagens divergentes	46
6.3 A montagem	53
6.4 Da interpretação ao despertar	54
7 A SEGUNDA CENA	61
8 O OFÍCIO DE SECRETÁRIO	63
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
<u>_REFERÊNCIAS</u>	74

1 CASA DOS CATA-VENTOS: UM DISPOSITIVO CLÍNICO-POLÍTICO

Acompanhamos crianças e adolescentes na Vila São Pedro, localizada na cidade de Porto Alegre, também conhecida pelo nome de Vila Cachorro Sentado, durante 8 anos, de julho de 2011 a novembro de 2019. Construimos, nesta vila de papeleiros, um dispositivo clínico-político, a *Casa dos Cata-Ventos*, uma estrutura aos moldes da *Casa da Árvore*, no Rio de Janeiro.

A vila Cachorro Sentado é uma das favelas da cidade de Porto Alegre. Tem uma área total de 36.365,56 m² e é uma ocupação, desde 1976, de parte do terreno do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Conforme o Observatório da Cidade de Porto Alegre (2016), que reuniu informações de toda a cidade entre os anos de 2006 a 2016, se contabilizam no território 244 domicílios, a maioria com água, mas todos sem esgoto. Para compreender as condições de vida ali implicadas, reunirei alguns dados sobre o IDHM (índice de desenvolvimento humano municipal) da cidade e depois, a posição que a vila ocupa no ranking de bairros da cidade. O IDHM avalia as conquistas de desenvolvimento humano levando em consideração as dimensões de saúde, educação e renda dentro do município. É um ajuste metodológico do IDH, índice de desenvolvimento humano, que classifica os países como desenvolvidos, em desenvolvimento ou subdesenvolvidos.

A cidade de Porto Alegre tem um alto IDHM, 0,805, conforme nos mostra o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil (2020). Quanto mais próximo de 1,0, mais alto é o índice. Quanto mais distante de 1,0, piores as condições de vida da população naquele território. Índices da cidade de Porto Alegre: IDHM 0,805; IDHM Educação 0,702 e IDHM Longevidade 0,867. Vila Cachorro Sentado: IDHM 0,681 (282^o no ranking dos bairros); IDHM Educação 0,557 (392^o) e IDHM Longevidade 0,697 (287^o). Temos reunidos nesses índices a imensa desigualdade social da cidade de Porto Alegre e ela retrata, fidedignamente, a desigualdade social que permeia a sociedade brasileira. Subjaz numa mesma cidade o primeiro mundo e o seu avesso.

Da estrutura Dolto¹, que originalmente inspirou esses dois dispositivos clínicos, Casa da Árvore e Casa dos Cata-Ventos, ambos em regiões de vulnerabilidade social, conforme demonstrado acima, mantivemos como norteador do trabalho *le parler vrai*, a palavra verdadeira, proposta pela psicanalista francesa e a aposta de que escutar crianças na sua condição de sujeitos em estruturação psíquica faz diferença em seu devir. Seguimos, ao longo de todo o tempo de intervenção, a premissa de que não falávamos sobre crianças, nem de crianças. Falávamos com crianças.

A noção da infância como um tempo de constituição do sujeito de desejo foi introduzida pela psicanálise, porém essa concepção não é compartilhada por todos os campos do saber que se debruçam sobre as questões da infância. Dolto, em seus programas de rádio, teve a preocupação de responder a pais e professores, à população em geral, sempre em linguagem simples. Ela explicava qual é o trabalho que as crianças têm para dar conta de se posicionarem como sujeitos no mundo e como os adultos são responsáveis, junto às crianças, por esse tempo marcado por antecipações e insuficiências. Dolto acreditava que a intervenção psicanalítica no laço de pais e crianças, ali, na vida cotidiana, tinha um efeito importante para todos. A oferta de um espaço onde pais e cuidadores podem brincar livremente com seus bebês, na presença de psicanalistas e de outros bebês e suas famílias constrói, na estrutura Dolto, *Maison Verte*, a possibilidade de um espaço intermediário entre casa e escola. Espaço essencial para que as crianças suportem, de forma gradual, a separação de seus pais e a presença de novos adultos, também cuidadores, porém não familiares. Lugar de acolhimento da vida, onde a escuta psicanalítica pode intervir promovendo aberturas e questões necessárias a esse tempo tão importante da vida dos bebês e suas famílias.

Segundo Milman (2008), o trabalho na *Maison Verte* propõe “uma ética no lidar com crianças” (p.37). Através do reconhecimento de sujeitos de desejo em cada uma das crianças que ali frequentam, de sujeitos merecedores da verdade sobre o mundo, sua história e origem só cabe aos trabalhadores usar da palavra verdadeira, *le parler vrai*. A palavra verdadeira é aquela carregada de sentido, que faz função de inscrição para o sujeito numa nova ordem simbólica. Abre sua angústia frente ao desconhecido ou ao excesso, permitindo novas teorias

¹ Françoise Dolto, psicanalista francesa, fundou a *Maison Verte* no fim da década de 70 como um espaço de escuta e acolhimento a crianças de 0 a 4 anos. Sempre acompanhadas por um adulto cuidador, poderiam vivenciar uma experiência de socialização antes da entrada na escola infantil. Um espaço de acolhimento à vida comum sob o olhar de psicanalistas que ali permaneciam para sustentar a função da palavra, proporcionando para os pequenos a possibilidade de elaborarem suas próprias questões. Vários projetos como a *Maison Verte* se multiplicaram pelo mundo e são conhecidos com estruturas Dolto.

e compreensões. A constituição psíquica não se dá sem o encontro com a angústia proveniente dos excessos vividos e de um simbólico ainda muito curto para elaborar todas as experiências. Se a palavra justa, le parler vrai, apazigua os excessos é porque alguém introduz a criança numa cadeia simbólica, permitindo que o real seja simbolizado e imaginarizado. O Outro precisa estar encarnado em um adulto que cumpra uma função de cuidado e apresentação do mundo às crianças. O mundo precisa ser apresentado aos bebês, nomeado. Assim como as emoções, desconfortos e experiências vividas pelos bebês precisam da presença de um adulto capaz de traduzi-las em palavras para eles. Função que pode ser realizada pelos familiares ou por outros adultos cuidadores.

Tanto a *Casa da Árvore*, nas favelas do Rio de Janeiro, quanto a *Casa dos Cata-Ventos*, na vila² São Pedro em Porto Alegre, experimentaram a mesma dificuldade na implementação do trabalho. Os pais, em sua grande maioria, não acompanharam suas crianças às atividades.

As mulheres com seus bebês não frequentavam os *Cata-Ventos*. Elas também nos faziam poucas perguntas sobre o que ali fazíamos com as crianças. Poucas foram as mães e avós que aceitaram nosso convite de entrar e conversar. Muitos dos laços ali construídos, ao longo de 8 anos de permanência no território, não permitiram que isso mudasse de forma ampla na comunidade.

As crianças pequenas e bebês chegavam à *Casa* no colo de outras crianças. Os irmãos maiores traziam os menores, reproduzindo na *Casa* o que acontece em suas famílias: uma antecipação da posição de cuidador em crianças que ainda necessitam de cuidados. Uma antecipação do fim da infância. A fragilidade do cuidado com os menores se apresentava ao dispositivo e nos obrigou a construir uma regra: para não reproduzirmos essa violência, as crianças pequenas, com menos de 3 anos, só podiam vir à *Casa dos Cata-Ventos* acompanhadas de um adulto ou um adolescente. Ao sustentarmos o lugar de livre brincar aos irmãos maiores, deixamos os bebês, infans e pequenas crianças fora do nosso escopo de trabalho pois os adultos, nem tampouco irmãos adolescentes, se dispuseram a participar desse momento de brincadeira, de cuidado com os seus, sob a nossa proposta de brincar, conversar e contar histórias.

Françoise Dolto (2005) em *A causa das crianças* nos aponta que há engendramentos que são próprios das crianças.

² Vila é um eufemismo local para favela.

“De todo modo, a criança dá nascimento a si mesma... Ela recebeu a vida, mas essa vida está em sua placenta: é ela que dá a si mesma à medida de seu desenvolvimento na vida; todos os dias, ela sobrevive a si mesma e é a criança de suas próprias obras ao mesmo tempo em que tem necessidade de proteção, de cuidados tutelares. É uma tutela indispensável para nossa vida fisiológica, mas não há nada de apenas fisiológico no ser humano: *tudo é simbólico ao mesmo tempo. Todos os nossos funcionamentos são linguagem*”. (grifo da autora) (p.217).

A psicanalista francesa aponta que o processo de subjetivação psíquica infantil tem o empuxo próprio da criança, porém é dependente de tutela. Segundo Freud (1895), de uma ação, “que merece ser qualificada de específica” (p.405), do outro materno. O bebê que chora de fome ao receber leite é também premiado com o cheiro da pele de sua mãe, sua voz, seu toque, suas palavras. As mães falam com, falam de e falam para os seus bebês. Eles são acolhidos no seio materno e no discurso familiar. Os bebês necessitam serem lidos: suas necessidades, demandas e produções sintomáticas precisam ser interpretadas pelo Outro primordial. Essa é a função específica a que se referiu Freud no texto de 1895. Bebês nascem mergulhados na linguagem e nela encontrarão os significantes que os representarão como sujeitos. Significantes que os enlaçam nas cadeias simbólicas de suas famílias antes mesmo do seu nascimento. Significantes a que terão acesso num jogo combinatório de enigmas e decifrações, jogo libidinal entre mãe e bebê, onde voz e palavra marcam corpo, bordas e fundam um novo sujeito.

Conforme nos explicam Pesaro, Merletti, Fadel, Tiussi & Kupfer (2012) esse é um encontro fundante.

O Outro Primordial é o lugar de onde provêm as condições para a constituição do sujeito do inconsciente. E a condição para se estabelecer esse Outro é o bebê ser tomado pelo desejo e pela fantasia dos outros que encarnam as funções parentais. O Outro Primordial é, portanto, o lugar das marcas fundadoras do ser, do sujeito. Essas marcas serão aquelas relacionadas a um lugar fantasmático específico atribuído à criança na filiação, aos traços imaginários de identificação que também lhe são atribuídos e à maneira como cada parte do corpo do bebê será tomada como objeto de uma troca prazerosa com os cuidadores. A transmissão dessas marcas fundadoras só é possível se os outros parentais investirem libidinalmente o bebê a partir de um lugar que lhe é preexistente (p.253).

O que acontece no tempo da infância é essencial a todos os humanos. O encontro com o Outro Primordial está marcado, para muitas das crianças que atendemos, pela miserabilidade que a exclusão social impõe. O olhar de desejo materno, essencial para libidinizar os bebês, pode se ausentar facilmente na busca da sobrevivência, na ausência

causada pela drogadição, nos difíceis lutos a que estão expostas as mulheres em seu período puerperal. O arsenal simbólico para o tempo inicial de subjetivação e a sustentação do circuito pulsional entre mãe e bebê pode ter graves intercorrências, além de ser marcado pelas diferentes violências do território. Pensar o encontro com o Outro primordial, nos termos lacanianos de acesso ao tesouro do significante, em famílias onde a exclusão social vem acompanhada de perda de direitos, miséria e desamparo é um exercício teórico importante. Quais são as consequências para bebês e mães que estão diuturnamente sob o estigma de serem tratados como resto e lixo de uma sociedade?

Como pensar a *Casa dos Cata-Ventos* como uma estrutura Dolto, se mantivemos do lado de fora as crianças de zero a 3 anos e seus cuidadores? A *Maison Verte* foi concebida como um lugar onde pais e bebês seriam acolhidos, preparando-os para a entrada na escola. Uma psicanálise para dar acolhida à vida comum, ao tempo de separação vivenciada por pais e bebês.

Se dos bebês da comunidade tivemos apenas rápidas notícias, raros acompanhamentos ou uma aproximação pelas grades da casa, como pensar as potentes intervenções com bebês que aconteceram na estrutura da *Casa dos Cata-Ventos*? Com essas indagações em mente, buscamos retornar ao território para constituir um campo de pesquisa.

No início de 2019, alguns sinais de mudança no nosso campo de trabalho foram sendo sentidos e lidos na transferência com as crianças. Perguntas sobre o fim do *Cata-Ventos* nas vozes de muitas crianças nos deixaram pensando sobre o que ali se passava. Um flagrante distanciamento da Associação de Moradores com o projeto e com os combinados de uso da casa foram também tensionando a continuidade do trabalho. Ao final, numa perversão do laço, ficamos submetidos ao desamparo. Nenhuma palavra ou ato da Associação como garantidores de nossa presença na comunidade. Frente ao rompimento do laço de confiança e de trabalho, foi impossível a continuidade do projeto. Interrompemos as atividades deixando, na casa onde trabalhávamos, uma biblioteca montada com mais de 3000 livros.

A finalização do trabalho na Vila São Pedro, Cachorro Sentado, contém um ato analítico. Sempre apostamos na palavra como uma via potente de trabalho onde a violência produz silenciamento e dor. Onde o ato violento poderia descarregar e romper laços, construímos com crianças e adolescentes a possibilidade de encontrar nas palavras outra forma de resolução dos conflitos. Deixamos para eles um arsenal de livros, um tesouro de

significantes a ser descoberto pela leitura das histórias lá impressas. Uma aposta no enigma que causa uma biblioteca no centro da favela, da vila. Enigma deixado para adultos e crianças.

No presente ensaio, as questões concernentes à primeira infância e às intervenções possíveis na estrutura da *Casa dos Cata-Ventos* serão desdobradas a partir de duas cenas com bebês na rua, em frente à casa. A passagem de um tempo aproximado de 18 meses será marcada com a descrição de um novo brincar de um dos bebês da primeira cena, agora já criança com capacidade de falar. O brincar não acontece na rua, mas sim no contorno dado por uma tarde de brincadeiras no pátio dos *Cata-Ventos*.

2 OS BEBÊS E A PESQUISA

Essa dissertação busca traçar alguns significantes mestres para pensar cenas de bebês num território conflagrado pelo tráfico, violência policial, lixo e miséria. Descreverei duas cenas. A primeira delas, uma brincadeira de três crianças numa rua da vila: duas eram bebês com menos de 2 anos, usando fraldas e sem falar e a outra pequena tinha por volta de 3-4 anos. A cena é, para a autora, paradigmática, de uma infância que encontra nas bordas do desamparo e da pobreza sua busca de inscrição subjetiva. A segunda cena, foi um reencontro entre um dos bebês da primeira cena e a pesquisadora, numa brincadeira coletiva no balanço dos *Cata-Ventos*.

Desde que iniciamos a intervenção, há 8 anos, foram muitas as cenas com bebês que me capturaram. Algumas famílias onde a vulnerabilidade é extrema, o cuidado às crianças pode parecer precário, assim como é a vida dessas pessoas. Pensar a dimensão da constituição psíquica em territórios de vulnerabilidades sociais com o cuidado de não julgar é um dos objetivos desse escrito. Portamos as diferenças de classe e social, mas é necessário almejar uma escrita mais isenta delas, sustentando o processo universal de subjetivação e sua inerente diversidade.

Tínhamos como metodologia de trabalho na *Casa dos Cata-Ventos*, a sustentação da transferência com o espaço e uma intervenção, atravessada pela ética da psicanálise, que era realizada por muitos. Éramos um campo de formação. Trabalharam ali psicanalistas, jovens psicólogos, alunos de pós-graduação, residentes de saúde coletiva e alunos em diferentes tempos da graduação de psicologia.

As crianças formulavam a seguinte pergunta ao ver a equipe se aproximar: *hoje tem Cata-Ventos?* Sabiam que a nossa presença nas ruas da vila era sinônimo de atividade na *Casa*. Havia demanda das crianças por certas pessoas, mas não era essa a transferência que regia o trabalho. Produzimos uma circulação da transferência entre os trabalhadores da *Casa* e as crianças, pois as equipes de trabalho eram, quase sempre, diferentes ao longo da semana. A pergunta “*hoje tem Cata-Ventos?*” já denunciava que a transferência era com a *Casa dos Cata-Ventos*, com o espaço ofertado. Cenas de brincadeiras se desdobravam ao longo de semanas e mesmo que mudassem os atores, a repetição do que precisava ser elaborado não se

interrompia. Tínhamos um funcionamento muito próximo de *Bonneuil*³, onde o enquadre buscava ser mantido, mesmo com a mudança da equipe de trabalho.

“Era preciso, portanto, instituir a noção de permanência de cada oficina e de seu funcionamento, a despeito da eventual ausência deste ou daquele de seus animadores. Quiséssemos ou não, era preciso assegurar a existência de um enquadre, de uma permanência, na qual a expressão livre pudesse ter lugar. Se o enquadre não se mantém, o paciente fica sozinho com seu mundo de fantasmas.” (Mannoni, 1923/1995, p.76).

O trabalho se dava então de forma a receber as crianças sempre nos mesmos dias e horários, para atividades específicas, com mudanças na equipe, regularmente a cada 6 meses, com a entrada de novos estagiários ou mesmo, por troca de turnos simplesmente. O enquadre se mantinha tanto pelas atividades que permaneciam inalteradas ao longo da semana, quanto pelas regras mínimas de convivência na casa.

O andar pelas ruas da vila, a entrada da equipe sempre se dava em grupo. A vida nua⁴ se apresentava ao olhar e à escuta de quem por ali caminhava. O caminho realizado é o mesmo, porém cada um de nós era capaz de perceber detalhes, cenas que se diferenciavam ao relatarmos visitas, ao procedermos discussões e escritas.

Os tempos lacanianos de olhar, compreender e concluir (Lacan, 1945) estavam presentes na forma como estruturamos o nosso trabalho através dos relatos e das supervisões. Os excessos presenciados ficavam retidos na tela do olhar de cada um dos trabalhadores da Casa de forma particular e singular. A subjetividade de quem estava na cena interfere na percepção dela. As brincadeiras que eram desenvolvidas no turno de trabalho não eram acompanhadas por todos da equipe, por isso, ao final do trabalho, a equipe se sentava para conversar e elaborar conjuntamente o trabalho. Um texto era escrito via e-mail para todo o grupo. A próxima equipe, assim, tinha o relato do turno anterior, suas dificuldades e conquistas e tinha conhecimento dos desdobramentos do último trabalho.

A escrita permitia que a informação circulasse entre a grande equipe, mas sobretudo permitia um segundo tempo de elaboração, a construção de uma narrativa. A construção dos

³ *École Expérimentale de Bonneuil-sur-Marne*. Escola experimental proposta pela psicanalista francesa Maud Mannoni, onde a psicanálise se presentifica, não como tratamento, mas como subversão das práticas psico-pedagógicas.

⁴ Vida nua é o conceito de Agamben que se refere à experiência de desproteção no campo da política. Termo relacionado à vida submetida ao total desamparo, à destituição de direitos e de cidadania. O autor demonstra, com este conceito, a face da biopolítica onde o ordenamento jurídico inclui uns e exclui outros.

casos se dava de forma coletiva, no a posteriori, nas reuniões semanais. Kessler (2017) nos aponta que há uma temporalidade em nossos registros.

Buscando refletir sobre o lugar da escrita dos trabalhadores e as narrativas que emergem dos encontros que acontecem na Casa dos Cata-Ventos, para nos auxiliar nesse percurso, tomamos como articuladora a noção do tempo, como se fosse uma bússola que orientou o caminho da pesquisa. Entre aquilo que se apresenta como violento e faz silenciar e aquilo que convoca a uma escrita, permitindo a construção de uma narrativa, procuramos levar também em conta a dimensão do tempo, na conjunção com esses dois pontos. Poderíamos dizer, assim, de uma operação de leitura-escuta desses textos foi se delineando como parte de um método de pesquisa (p. 44).

Trago a formulação de Kessler (2017) para apontar que na estrutura construída de trabalho na Casa já havia uma metodologia de pesquisa psicanalítica onde o tempo lógico lacaniano estava presente no trabalho de escrita e posterior leitura das narrativas.

Acompanhamos, ao longo dos 8 anos, as dificuldades de várias crianças com a alfabetização, com a leitura e escrita, enfim, com a escola. Muitas delas já sofreram inúmeros encaminhamentos a psiquiatras, com diagnósticos e medicalização. Histórias de desistência e fracasso escolar eram muito frequentes. Como intervenção, tentamos criar um ambiente facilitador à alfabetização dentro da *Casa*. Brincamos ludicamente com letras, livros e percebemos que as crianças que frequentavam a *Casa* desde pequenas se beneficiaram muitíssimo desse ambiente lúdico e de experiências exploradoras do mundo simbólico essenciais à escrita e à leitura. A fragilidade do enlaçamento dos registros se apresentava marcadamente na ausência e dificuldade de metaforização, num deslizamento metonímico de pouquíssima extensão⁵. A polissemia da palavra estava soterrada pelos atos violentos que tendiam a ser a primeira forma de resolução de conflitos. As narrativas infantis, os lápis e papéis, as garatujas e desenhos foram nossa aposta para introduzir novos significantes às crianças, novas possibilidades de circulação pelos jogos e brincadeiras da *Casa*, pela família e também pela escola. O benefício do encontro das crianças pequenas com esse espaço de cuidado e antecipador da escola foi notável.

⁵ Metáfora e metonímia são os processos de funcionamento do inconsciente, segundo a teoria lacaniana. Para o autor, o inconsciente está estruturado como linguagem. Será de seu encontro com os estudos lingüísticos de Roman Jakobson que ele fará a relação entre os polos metafóricos e metonímicos descritos pela lingüística com os mecanismos de condensação e deslocamento, apontados por Freud, como sendo os mecanismos formadores do sonho e também do inconsciente. "...na condensação temos uma sobreposição dos significantes dando origem à metáfora, enquanto que no deslocamento temos uma substituição de significantes com base na contiguidade, que pode ser equiparada à metonímia." (Garcia-Roza, 1995, p.270) Quando falo de dificuldades na metaforização e extensão metonímica reduzida, estou apontando para as dificuldades presentes na constituição psíquica desses sujeitos.

Nosso olhar estava atento aos bebês desde os primórdios de nosso trabalho. A convocação do desejo da psicanalista/pesquisadora de compreender como os bebês se constituem futuros sujeitos de desejo apesar de tantas dificuldades e da total distopia da vida em territórios de vulnerabilidades, acompanhou o trabalho e a pesquisa.

A dificuldade de intervenção com os bebês esteve, principalmente, na ausência dos adultos cuidadores em nosso trabalho, visto que eles, os bebês, nos rondaram desde que conseguiam alguma autonomia para caminhar sem a intervenção de seus pais. Faço notar que os bebês de menos de dois anos que vieram sozinhos às grades da *Casa* para brincar, eram crianças de famílias em situação de grande vulnerabilidade social. O caminhar aparentemente repleto de autonomia e muito precoce pelas ruas da vila sempre nos causou muita angústia. Havia uma certa borda nas ruas da vila, porém ela não nos parecia efetivamente protetiva. Essa situação era profundamente inquietante e produzia questionamentos sobre o olhar da pesquisadora com sua experiência classe média branco normativa que interferia na leitura da cena. Haveria pelas ruas da vila cuidados que desconhecemos ou que se retraíam com a nossa presença estrangeira?

Os excessos podiam irromper a qualquer momento e as crianças muito precocemente estavam expostas a eles. Havia famílias que conseguiam cuidar satisfatoriamente bem de seus filhos apesar da pobreza e da vulnerabilidade. Algumas não viam a *Casa* como um lugar para os seus filhos, pois compreendiam que ali apenas as crianças mais difíceis, aquelas mais desprotegidas e por isso mesmo mais reativas e agressivas estavam presentes.

Constituir um trabalho com mães e bebês era também uma aposta que nossa intervenção pudesse propiciar uma melhor condição de subjetivação infantil e futuramente, uma escolarização sem tanto sofrimento. Neves (2018) aponta a potência e a falta de garantias dessa aposta.

A intervenção psicanalítica, *stricto senso*, atua no “só-depois” com o sintoma constituinte do sujeito. Na clínica com bebês, implica intervir “a tempo”, na atualidade de sua estruturação diante da presença de sinais de risco psíquico à subjetivação. Embora não exista garantia de resultados de uma intervenção, o que sustenta essa prática é a aposta no advento de um sujeito, e a certeza de que se não houver a urgência de um ato sobre a condição do bebê junto de seus cuidadores, a subjetivação dessa criança ficará ameaçada. (p.76)

Aposta que carrega toda a transgressão do desejo, da ética da Psicanálise. Em *Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista*, Lacan (1998, p.868) nos adverte que “... sem entrar na mola da transferência, é o desejo do analista que, em última instância, opera na

psicanálise”. A ética do nosso ofício nos sustenta na posição de esburacar o discurso e apontar que ali há sujeitos. Impasses a que fomos levados por expandir os muros e a escuta psicanalítica à cidade. Rosa (2016) trabalha a especificidade do ato psicanalítico em situações de vulnerabilidade como o levantamento do recalque que permite o usufruto das benesses de classe da qual somos provenientes, pagas com surdez, indiferença ou paranoia ao sofrimento do miserável pela grande maioria dos sujeitos. “Nessas situações, a escuta supõe romper com o pacto de silêncio do grupo social a que pertencemos e do qual usufruímos” (Rosa, 2016, p.48). Seremos responsáveis pela posição de analistas e de pesquisadores, enfim, de sujeitos quando nos dispomos ao trabalho nesses territórios.

A metodologia para esse tempo de construção do trabalho com bebês, quando ainda não havíamos construído uma demanda, um espaço para a intervenção propriamente dita, necessitava de uma nova invenção. Nosso trabalho na *Casa* se dava na intervenção e na elaboração do que ocorria durante nosso fazer com crianças e adolescentes, dentro dos tempos de brincadeira, contação de histórias, capoeira ou grupo de adolescentes. E desejávamos ampliar nosso trabalho, trazendo para os ventos do nosso ofício, bebês e seus pais.

Como construir a transferência necessária para oferecer um turno de trabalho com mães e bebês? Como romper com essa distância e silenciamento dos adultos? Na organização do trabalho anual da *Casa*, em 2018, pensamos que era necessária uma maior proximidade com os familiares das crianças que atendíamos e o trabalho com os bebês poderia então ser construído. Pensamos em caminhar pela Vila, visitando famílias, conversando e escutando livremente suas demandas e sofrimentos.

A proposta de visitar às famílias com bebês nos pôs a caminhar pela Vila. E já no primeiro dia, na rua, nosso olhar foi capturado por uma brincadeira de bebês de 2 anos. A escuta de fragmentos de uma história familiar e a “mostração” dos pequenos em pleno espaço público me levou a pensar como introduzir na pesquisa esse tempo de escuta errante, sem o enquadre clássico do trabalho da *Casa dos Cata-Ventos*.

3 A PRIMEIRA CENA

A cena que será relatada aconteceu durante a primeira visita à Vila São Pedro após o início dos trabalhos em 2018.

Pensando numa aproximação gradual com famílias e seus bebês, iniciamos, eu e uma colega psicanalista também trabalhadora da *Casa dos Cata-Ventos*, uma incursão pelas ruas da vila, num sábado pela manhã. Tínhamos como objetivo visitar três famílias cujos bebês nos causavam preocupação, seja pelos relatos da comunidade ou mesmo, pela observação da equipe. Ao caminhar pelas ruelas, conversávamos com outros familiares e crianças que frequentavam nosso projeto. Observávamos a dinâmica da comunidade nesse horário, já pensando na possibilidade de oferecer um espaço de escuta às mães; talvez, um turno para receber bebês e seus pais ou cuidadores. Esperança que se mostrou, mais à frente, muito antecipada.

Como metodologia da pesquisa, acreditei que a *escuta flânerie* (Pires, 2018, p.58) seria a minha escolha. Ao flunar pelo território, em posição de atenção flutuante, ser capaz de recolher restos de conversas, brincadeiras, modos de vida que nos permitissem uma melhor leitura da vida de bebês, crianças e suas famílias. Se o filósofo berlinense pode construir uma crítica à modernidade e ao consumo que ela inaugurou, com o elaborar do movimento do *flâneur* pelas vitrines da cidade luz, nós também tivemos uma experiência singular. Nós sabíamos que não nos encontraríamos com o charme e o *savoir-faire* dos parisienses. O território em questão é permeado de silenciamentos, de uma não circulação de estranhos por seus caminhos. Tal qual um filósofo, observamos a vida e seus desdobramentos num território de vulnerabilidades. A brincadeira que será relatada a seguir é paradigmática dessa escuta que se deu ao acaso, durante o nosso caminhar em atenção flutuante.

Fomos visitar uma mãe de crianças que frequentavam os *Cata-Ventos* e que estava gravemente enferma. Eles moravam numa casa de dois cômodos onde viviam 16 pessoas. 9 delas com menos de 15 anos: 5 desses 9 moradores são crianças com menos de 5 anos; 3 delas têm 2 anos e usam fraldas. A família sobrevivia da coleta de papel e recicláveis. Duas das adultas estavam impedidas de trabalhar: a mãe, doente sob efeito da morfina para suportar as dores e mal-estar da quimioterapia, e a avó, que se desdobrava nos cuidados da filha, netos e bisnetos.

Quando nos aproximamos do portão, batemos, chamamos e ninguém nos recebeu. Percebemos um dos bebês sentados no corredor, brincando sozinho. Tentamos chamar sua atenção e ele pareceu não registrar nossa presença. Um jovem se aproximou e entrou no portão, pedimos para falar com Celina, a mãe enferma. Veio conversar conosco, sua filha de 15 anos, Carina. Com ela no portão, saíram duas crianças para brincar na rua: Amália de 3 anos e Nelson de 2 anos. Enquanto conversávamos com Carina para saber do estado de saúde de sua mãe, a brincadeira da dupla se desenrolava.

Amália e Nelson brincavam com uma boneca bebê, quase do tamanho deles. Amália de 3 anos é a tia mais nova de Nelson. Eles carregavam a boneca alternadamente. Jogavam para cima, arrastavam pelo chão, jogavam no meio da rua. Carros passavam e a irmã de Amália e tia de Nelson, Carina, que nos contava que ele a chamava de mãe, sequer movia os olhos para cuidar dos pequenos na rua. A brincadeira seguia pela rua e por muitas vezes, eu e minha colega (fazíamos as visitas domiciliares sempre em dupla) interferimos. Ora tentando dar uma borda à brincadeira, ora protegendo as crianças de carros que passavam. A brincadeira com a boneca/bebê nos causou angústia e nenhum sinal de mal-estar em nossa interlocutora. A brincadeira foi interrompida por uma cadela que resgatou a boneca/bebê da rua e a levou para sua casinha.

Seguimos com a nossa *flânerie*. Fomos visitar outra família e na volta nos encontramos com a bisavó de Nelson e avó de Amália, mãe de Celina, no portão da casa. Dona Emília nos chama para conversar e paramos para escutá-la. Paradas no portão, saiu da casa outro pequeno de 2 anos, Tiago, outro dos seus bisnetos, carregando a mesma boneca/bebê salva anteriormente pela cachorra.

Como se não houvesse um novo ator, a cena se desenrolou com o mesmo *script*. A boneca apanhava, era largada na rua para depois ser recolhida e largada mais adiante. Tive a nítida impressão de que as crianças encenavam uma mesma história. Assim estavam os bebês da casa? Largados, jogados, por vezes, (des) cuidados? Sua bisavó nos falava das dificuldades da família, dos extremos a que estavam submetidos. Tiago seguia a brincadeira na rua sem qualquer percepção de perigo e sem um olhar sequer de vizinhos ou de sua bisavó para ele. Ela, imersa em seu relato de profundo desamparo e dor, nos contava que sua filha já não conseguia participar da vida familiar, só dormia sob efeito da morfina. Ali, na porta desta casa, eu e minha colega fomos nos revezando na escuta difícil da vida nua.

Testemunhávamos a dor, a fragilidade da rede de saúde, amparo e proteção a qual tinham acesso.

Foi com muita angústia que acompanhei o desenrolar da brincadeira de Tiago à nossa frente. A cena de estica e puxa com a boneca, que os primeiros encenaram, Tiago seguia como se não houvesse um lapso de tempo, nem a troca de atores. Ele jogou a boneca num carro estacionado e ela rolou até quase o meio da rua. Outro carro entrou com velocidade na via e ele se voltou em direção à boneca/bebê. Ele me diz:” bebê!” apontando para a boneca e tentou ir buscá-la. Eu o abracei e respondi: “sim, eu estou aqui com o bebê! Vamos esperar o carro passar e depois vamos buscar sua boneca!” O carro passou e ele foi buscar sua boneca/bebê. Minha colega pergunta: o que aconteceu? Esqueceram do bebê na rua? Ele nos olhou e entrou para dentro de sua casa com sua boneca/bebê.

Diferentemente da primeira cena, a boneca/bebê pode ser resgatada por Tiago, após ele ter sido cuidado, em ato, por um adulto. A angústia, que a brincadeira deixou como resto, em quem viu a brincadeira, pode estar relacionada a muitos fatores: ao desamparo a que estavam submetidas crianças e adultos desta família; à força de um bebê que brincava a (à) borda do desamparo para não cair nele; ao desamparo que sentiu a pesquisadora ao se deparar com o dano de que haja sujeitos no quase irreversível lugar de resto da sociedade e à vertigem que provoca o testemunho de situações limítrofes.

4 ESBOÇO DE UMA TELA TEÓRICA PARA O OLHAR NAS CENAS COM OS BEBÊS

O bebê humano nasce em total desamparo. Sua condição de prematuridade, que a posteriori, permitirá o maior grau de aquisição cognitiva e subjetiva do reino animal, é totalmente dependente da ação específica de um outro, segundo Freud (1895). Será esse outro que ao encarnar o Outro primordial e ao responder às demandas básicas de respirar, comer e de sexualidade do bebê, introduzirá novos significantes além daqueles demandados. Encontro fundamental que brinda os bebês com leite, voz e olhar, na melhor das hipóteses. Ao responder à demanda de fome do bebê com olhar, voz e gozo, o pequeno pode ser enlaçado à cadeia significante familiar.

Para pensar o tempo inicial da constituição psíquica infantil, é necessário que o psicanalista esteja advertido sobre o trabalho que se dará em duas vertentes pulsionais, transferenciais: o olhar e a escuta. Os bebês se dão a ver, produzem uma “mostração” endereçada ao Outro primordial, àquele que o introduz na linguagem. Há um jogo pulsional entre mães e filhos, endereçamentos repletos de sentidos e significações, que na maioria das vezes, inicia ainda durante a gestação. A experiência de uma gestação é sempre única e cada filho terá na ordem simbólica de seus pais um lugar, quase um destino. O trabalho do psicanalista estará aí, no átimo de conjunção entre a história narrada de um desejo, um medo, um equívoco, uma alegria e a chegada de um bebê. Escuta para os pais, olhar para a “mostração” dos bebês. Nessa pesquisa, acrescentaremos o território como elemento a ser considerado em nossa *flânerie*.

Os bebês são alvo da preocupação de muitos psicanalistas ao longo da história da própria Psicanálise: Melanie Klein, Anna Freud, Winnicott, Esther Bick, Françoise Dolto, Maud Mannoni, dentre outros. Recupero, pelo texto de Julieta Jerusalinsky (2011), uma psicanalista que construiu um método de observação de bebês, Esther Bick. Segundo Jerusalinsky, a psicanalista polonesa radicada na Inglaterra propôs, em meados do século passado, uma metodologia onde o observador de uma dupla mãe-bebê faria a descrição cuidadosa dos fenômenos relacionais entre eles. Com visitas regulares semanais, por um período de um ano, faria suas anotações, sem intervir nas cenas, estabelecendo assim, uma via de descrição fenomenológica dos primórdios da constituição psíquica.

É possível uma descrição fenomenológica, onde o observador/pesquisador da cena não esteja incluído pelo seu olhar? A cena se desdobra para o olhar das psicanalistas que perambulam e conversam nas ruas da vila.

O saber que se construiu de nossa *flânerie* não estava determinado *a priori*, mas foi construído em transferência e em um tempo *a posteriori*. O saber inconsciente não antecipado no discurso produziu efeitos na pesquisa e nas pessoas que participaram dessa pesquisa. Julieta Jerusalinsky (2011) em seu livro *A criação da criança* nos aponta que o olhar e a escuta constituirão uma leitura se for produzida em transferência. Segundo a autora,

De modo estrito, quando falamos de leitura, referimo-nos a uma operação clínica pela qual seja possível, a partir da transferência, situar de que modo um bebê se implica subjetivamente em relação à letra que nele precipitou seus efeitos de inscrição a partir do laço com o Outro. Mas, principalmente, visamos, por meio de tal leitura, que a letra possa ser posta a operar de modo constituinte para o bebê. Se ambos implicam um olhar, os caminhos da observação e leitura dividem-se irremediavelmente quando o saber que se pretende construir pela observação já não interessa enquanto produção clínica que possibilite a um paciente a passagem do *dado a ver* para a produção do sujeito (p. 42).

Em seu livro *Um olhar a mais*, Quinet nos aponta que o olhar e a contemplação foram categorizados pela filosofia desde a antiguidade. Na filosofia platônica, o desejo do belo, do saber e também o desejo erótico participavam do olhar. O desenvolvimento da ótica geometral subtraiu o campo visual do desejo. Foi Freud, com seu conceito de pulsão, quem rearticulou, novamente, o desejo de saber ao olhar. Articulação que, em Lacan (1964), terá sua completa elaboração com a proposta da esquizo entre visão e olhar. Nas palavras de Quinet (2002):

O conceito de pulsão escópica permitiu à psicanálise restabelecer uma função de atividade para o olho não mais como fonte da visão, mas como fonte da libido. Onde os antigos têm o conceito de raio visual e o fogo do olhar, a psicanálise descobriu a libido de ver e o objeto olhar como manifestação da vida sexual. Lá onde estava a visão, Freud descobre a pulsão. (p. 10)

A estrutura moebiana “olhar e ser olhado” constitui uns dos laços primordiais à estruturação psíquica do ser humano. É nesse jogo pulsional que os bebês são sacados do puro real de seu corpo. É pela via do jogo pulsional que o bebê adentrará à linguagem. Para Quinet (2002), em seu livro *Um olhar a mais*, “O *dar a ver* do desejo é o correlato de se fazer olhar da pulsão.” (p.13.) E esse será o trilhamento teórico por onde seguiremos, o *dado a ver*.

Quinet (2002), em seu capítulo *Objeto da Schautrieb*, nos recorda que Lacan no Seminário 11 faz da pulsão escópica o paradigma da pulsão sexual. Ela é uma pulsão que não se apoia em demandas como, por exemplo, a pulsão oral estar escorada na fome. “Não temos necessidade de ver e sim desejo de olhar” (Quinet, 2002, p.69). Isso faz com que não haja no inconsciente significantes específicos da pulsão escópica. Para se referir ao olhar, é necessário lançar mão de significantes relacionados a outras pulsões: *comer com os olhos, tocou-me com seu olhar*. O desenvolvimento da libido é intermediado pelo Outro e não fruto do automatismo. “No âmbito escópico do desejo, o sujeito se dá-a-ver para o Outro, se oferece em exibição ao Outro do desejo, se mostra ao desejo do Outro” (Quinet, 2002, p. 70).

O sujeito está submetido assim ao jogo pulsional, à pulsão. Sua divisão, sua *spaltung* ocorre tanto pela ação dos significantes brindados pelo Outro, como pela pulsão que nunca tem sua inscrição completa. A parcialidade da satisfação pulsional também é responsável pela divisão do sujeito.

Nos cuidados maternantes, o agente da linguagem traça uma cartografia, mapeando – ao percorrer, distinguir, organizar e historiar – o organismo e seus orifícios. Nessa composição de um tecido significante, o corpo do ser é libidinizado: o gozo do fluxo vital é, assim, subtraído ao ser vivo, na necessária submissão ao esquadramento da linguagem, que faz, deste ser, um sujeito (Vorcaro, 1999, p.57).

No início da vida, há pura carne. Gozo do fluxo vital. Nos tempos primeiros de estruturação psíquica, o bebê necessita da “animação de estrutura operada pelo agente de seus cuidados” (Vorcaro, 1999, p.67). A mãe, encarnando o Outro primordial, atribuirá significação e lugar ao seu bebê em sua cadeia significante. Essa é a operação de alienação necessária à entrada da linguagem. O bebê é falado por alguém, é alguma coisa para alguém e está submetido a essa significação.

Porém, para sua subjetivação, a criança precisará se deslocar desse lugar de alienação. Ela terá que singularizar a significação que lhe foi atribuída. Ela se defenderá do querer do Outro para não ser reduzida a objeto indefinidamente. Lacan (1901-1981) desde o Seminário 4, nos diz que a condição de possibilidade de constituição do sujeito está na incidência da função paterna sobre o desejo materno. “É o que a metáfora paterna contempla, a saber, que o Nome-do-Pai constrinja o desejo materno à lei” (Vorcaro, 1999, p.69). Assim, o bebê também constitui metáfora para o agente materno, quando a divide em mãe e mulher. Criança na condição de não-toda, que não satura o desejo do agente materno, tem acesso a um saber, a um suposto-saber, ao menos um sabe o que ela quer. Esse acesso permite então que o sujeito

se estruture em torno de um novo valor, o suposto saber ao pai, substituindo a operação de alienação ao Outro primordial.

O encontro com o Outro comporta sempre a dimensão da falta. A intensidade das dificuldades marcadas em desencontro pode colocar em risco a constituição psíquica de bebês. O sofrimento terá importantes sintomas na organização corporal do bebê e mais, em suas aquisições. Assim, o sintoma como mostração de um sofrimento, está nos bebês, no campo escópico da pulsão: É um *dado a ver* (Jerusalinky, 2011). A mostração não está aqui referida ao querer mostrar, mas sim, como um colocar em cena as dificuldades da organização das funções corporais como curtos-circuitos dos percursos pulsionais. Na primeira infância, o sujeito comparece na insuficiência de sua estruturação e se d  a ver, pela produção e organização corporal. O beb  e o *infans* por ainda não portarem a palavra subvertem a escuta psicanalítica pois o trabalho com bebês em risco se dará no campo também da pulsão escópica. Ao bebê, será dispensado um olhar que produza uma leitura em transferência, aos pais a escuta propriamente dita.

O método psicanalítico inaugurado por Freud rompeu com a posição tradicional do pesquisador. O saber inconsciente não está estabelecido *a priori*. É apenas na transferência e no tempo do *a posterior* que algo desse saber pode ser construído. Não   possível antecipar no discurso esse saber. Ele é produzido, num hiato de tempo, desconhecido, apenas se sustentado pela transferência.

A clínica com bebês opera nesse tempo onde o corpo está sendo marcado pela letra, pelo discurso dos pais em suas diferenç s. Letra que porta sentido e também o gozo. Pulsão que em seus circuitos produz prazer e dor. Na articulação de corpo e linguagem, o sintoma comparece e o *dado a ver* no corpo do bebê não pode ser dissociado do discurso parental.

O clínico situa o *dado a ver* do sintoma como um enigma que cifra no corpo do beb  os efeitos de inscrição do Outro. Ao apostar nos efeitos desse saber inconsciente, possibilita que o bebê possa advir como sujeito na cena e produzir, com e a partir de tais inscrições, sua singular resposta (Jerusalinsky, 2011, p.44).

Freud (1920/1990), quando constrói com a observação de seu neto, o jogo constituinte do *Fort-Da* para a infância, ele nos aponta que foi preciso um tempo para formular algo com a enigmática brincadeira que ele repetia   exaustão. Lacan (1945), no texto *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada*, trabalha o estabelecimento dos três tempos lógicos: tempo de ver, tempo de compreender e tempo de concluir. O tempo de ver é tempo de abertura, tempo

para que o enigma possa produzir polissemia de significações. O jogo está ainda sem significação, ou seja, o tempo de compreender e concluir ainda não se precipitaram.

Freud (1920/1990) nos aponta que foi preciso um tempo de suspensão para só depois concluir que o *Fort-Da* era uma brincadeira construída ativamente por seu neto para dar conta da separação de sua mãe. Vemos, aqui, claramente um clínico trabalhando com os três tempos lógicos lacanianos. Tempo de ver que é essencial também à escuta de pacientes.

O bebê, com sua organização e produção corporal dada a ver, oferece o enigmático manifesto do modo em que o desejo parental fez carne em seu corpo. O manifesto em seu corpo se estabelece como um texto cifrado de sua relação com o Outro. Pois afinal o bebê é estrangeiro, na medida em que causa estranhamento aos pais com seus fracassos e produções, mas é profundamente familiar, dado que é da rede significativa parental que se recortam inconscientemente os traços a partir dos quais o bebê estabelece sua filiação. Uma criança suporta em seu brincar o dizer que ainda não pode falar. Assim como o bebê suporta na psicossomática e em sua implicação corporal o traço significativo que o captura no dizer do Outro para além de sua insuficiência verbal (Jerusalinky, 2011, p.51).

A intervenção na primeira infância traz à tona os tempos de constituição psíquica. Evidencia a *spaltung* do humano no encontro com a linguagem. Coloca em causa o corpo em sua não correspondência com o sujeito. A leitura do dado a ver na organização corporal e nas produções dos bebês é dependente da escuta de outros. Serão os pais que nos falarão significantes centrais para esse filho e em seus braços faremos a leitura das respostas tônico-posturais ao *mamanhês*. “É em relação ao discurso posto em ato nos cuidados que lhe são dirigidos que se organizam as suas funções corporais, que se estabelecem seus circuitos pulsionais” (Jerusalinsky, 2011, p.53).

Importante lembrar que o inconsciente do bebê não está a priori dado, nem tampouco é da ordem do funcionamento cerebral, filogeneticamente adquirido. Ele é constituído no encontro com o Outro primordial. Ele se inscreve à medida que “o bebê é suposto tributário de um saber sobre o desejo materno que a própria mãe ignora” (Jerusalinsky, 2011, p.53), mas que já fez marca em seu corpo. O *dado a ver* tem a dimensão de uma formação do inconsciente, sendo tributário do laço com a mãe. “... A manifestação corporal do bebê irrompe a cena, como letra real que salta do papel ou a iluminura que, em seu fascínio ao olhar, impede o deslizamento significativo no prosseguimento da leitura” (Jerusalinsky, 2011, p. 54).

O risco da captura do olhar ao *dado a ver*, tanto por seus pais, quanto pelo clínico, põe em risco o bebê. A intervenção clínica deve promover o deslizamento significativo abrindo o sintoma à polissemia da palavra e do sentido. A captura do olhar nesse lugar de fascínio não permite que o bebê possa advir como sujeito, sucumbindo ao lugar de objeto.

Fernandes (2018) sustenta que a clínica psicanalítica com bebês está pautada na “dimensão analítica da imagem quando conjugada à letra” (p. 151) Ela propõe que a mostração, o *dar a ver* é uma forma de transcrição já que encena “a cena ante o olhar do outro” (p. 151). Para que a leitura seja possível, clinicamente, será necessário que as imagens se transformem em cifras, em enigma. Para a autora, quando um bebê mostra, ele efetuou uma leitura possível em seu corpo do laço com sua mãe.

A imagem e a letra na clínica com bebê atendem não a uma separação entre os indivíduos, um e outro num espaço euclidiano, mas, sim, a uma atenção a essas duas dimensões necessárias à clínica – imagem (jogo especular/o que se mostra e se esconde na “mostração”); a letra (traço para o qual o sujeito se vira/que se transmite na “não fala”) --, venham elas de onde vierem: do bebê, do cuidador primordial, do analista; seja como objeto, como sujeito ou como Outro (Fernandes 2018, p. 155).

Vorcaro (1999) nos adverte que a transferência com crianças se dá “na particularidade da relação com o outro como transferencial por estrutura, desde que os agentes parentais legitimem tal laço.” (p.98) Ou seja, a criança, o bebê para se estruturarem necessitam do outro, ação específica, já mencionada no texto freudiano de 1895.

Na simplicidade de uma mínima extensão de um jogo da criança, operado pelo analista, este faz a conjugação de um significante a um signo, em que o funcionamento metonímico pode se distinguir. O ato subjetivante da criança, a ser daí esperado pelo analista, implicará a transformação de uma marca qualquer num significante que, ao lê-la, apaga a marca. A substituição pela qual o que tem um sentido se transforma em equívoco, para reencontrar articulação, é por ela que o sujeito se desloca no jogo giratório da linguagem, cujas síncope indicam o sujeito (Vorcaro, 1999, p.100).

Quinet (2002) ao trabalhar o circuito pulsional escópico nos aponta que para o *voyeur*, o circuito só se fecha quando ele é apanhado, em flagrante, pelo olhar de outrem; quando, enfim, ele é olhado. “Nesse se fazer olhar, ele se torna puro olhar” (p. 84). Ao completar o circuito, há dessubjetivação do sujeito na medida em que retorna ao status de objeto. Sujeito submetido ao tempo da alienação fundante do ser humano, ser objeto para outro. Assim, o pulsional seguirá como o real que não cessa de não se inscrever. O bebê, que no *dar a ver* de suas produções ou sintomas, busca o olhar e posterior leitura do Outro para o inscrever na

linguagem, jogo entre letra e pulsão, é o primeiro *voyeur* da história. O jogo do olhar, ser olhado e dar-se a ver é paradigmático do suporte do desejo do Outro.

A clínica psicanalítica de bebês e crianças não tem como prescindir desta formulação para a sua realização.

A “mostração” que um bebê produz, esse *dado a ver* deverá ser tomado pelo clínico como um enigma. Há nesse ato a pontuação dos efeitos da inscrição do Outro como cifra no corpo do bebê. Quando supomos um saber inconsciente que produz cifras, possibilitamos “que o bebê possa advir como sujeito na cena e produzir, com e a partir de tais inscrições, sua singular resposta” (Julieta Jerusalinsky, 2011, p.44). Assim, compreendemos que a “mostração”, o *dado a ver* no corpo de um bebê, não se trata de uma dimensão pré-linguística, mas sim de enigmas que o bebê produz como resposta à inscrição da rede simbólica de seus pais. É uma manifestação enigmática de um sujeito em constituição.

Fernandes (2018) articula como questão central da prática clínica com bebês o campo do trabalho com a “não fala”. Juntam-se a ela todas as questões decorrentes já da psicanálise de crianças. *Mas é psicanálise? A transferência se estabelece? É possível trabalhar em associação livre?* A autora retoma que Lacan em 1968 aponta a psicanálise como um discurso sem palavras, precipitado pelo jogo de lugares e funções que se estabelece, onde o que menos importa é o conteúdo e o mais importante são os endereçamentos. Assim, a direção de tratamento para uma clínica de “não-fala”, necessita de uma metodologia para o que se mostra, para o que precisa ser lido. Fernandes (2018) aponta a necessidade de ir além do que se dá a ver, pois há no tempo inicial de estruturação psíquica, “operações e mecanismos que aparecem também no que se esconde... mesmo o visível só pode ser tomado como o que consegue visibilidade num mar de invisibilidades” (p. 148). Ela propõe como operações essenciais de leitura a transcrição, a tradução, a transliteração e a transcrição transitiva nas três posições: analista, bebê e agente parental. Leituras essas que precisam realizar muitas voltas sobre o mesmo, para que a polissemia das leituras produza seus efeitos de abertura e evitem assim a planificação do raciocínio causa/efeito.

O lugar do analista no momento da “mostração” é esse eixo para o qual se vira o agente parental sob o fundo da “não-fala”, ante o real que o corpo do bebê mudo provoca, ponto fora do espelho, fora da fala, mas dentro do quadro, diante do olhar do analista. Esse simples dispositivo promove ao mesmo tempo a diferença entre o que se olha e o que é olhado, entre o que se mostra e o que é visto...a clínica com o bebê e seu cuidador trata do encontro do *Infans* com o Outro real da linguagem (Fernandes, 2018, p. 154)

Ferrari (2003) nos adverte que a transmissão do inconsciente parental é imprevisível e caberá a cada criança encenar aquilo que lhe concerne, aquilo que da história lhe fez enigma. A autora ainda aponta que a repetição é própria da história familiar. O desamparo social que a família vive será transmitido aos bebês da família sem anteparos possíveis? Como pensar a rua e as pessoas que transitam, como nós trabalhadoras dos *Cata-Ventos*, no cuidado, no olhar que a cena da brincadeira convoca? Se a brincadeira é uma cena que repete a história familiar, como pensar as intervenções possíveis?

Julieta Jerusalinsky, em 2011, desenvolve o sintoma *dado a ver* pela criança como uma formação do inconsciente semelhante ao sonho. O sintoma da pequena criança, para a autora, reflete o retorno do recalcado materno/familiar, funcionando como uma formação inconsciente assim como é o conteúdo manifesto de um sonho. Nas palavras da autora, “é preciso que o que se passe no corpo do bebê e é dado a ver afete a mãe ou os pais como um sonho, que os implica, que produz enigma sobre o seu desejo para que o trabalho implicado em seus cuidados esteja articulado ao trabalho de representação” (p. 116).

A brincadeira infantil tem, na psicanálise, o mesmo estatuto do sonho; funciona como conteúdo manifesto. É, na criança pequena, um dar a ver dos tempos de constituição psíquica, um enigma que ela lança ao Outro. Porém, se sua produção não implica seus cuidadores em qualquer tipo de questão: nem o cuidado com o real do corpo, nem com uma tradução mínima da cena endereçada, o que resta? Uma repetição sem possibilidade de elaboração? Uma vivência traumática? Uma dificuldade na trama dos registros real, simbólico e imaginário?

Crianças pequenas estão imersas na linguagem, mas demoram a decifrar o código e dele poderem fazer uso. Enquanto vão sendo faladas por seus pais, irmãos mais velhos e outros cuidadores, e ainda não têm recursos simbólicos para falar de seus padecimentos, adoecem ou se machucam. “A criança pode morrer. O fato de sobreviver indica que todos os dias ela retoma, enquanto sujeito, o contrato com o próprio corpo. Viver é isso, é retomar a cada dia o desejo de sobreviver” (Dolto, 1999, p. 136). O corpo que se joga em frente ao carro para pegar a boneca expressa desamparo e gozo? Quanto menor é a criança, mais ela necessita do suporte do Outro encarnado. Ao desamparo, uma oferta de palavras para gerar sentido e dar borda à experiência. O desejo de sobreviver precisa estar sustentado no desejo de vida do casal parental ou adulto cuidador responsável e também em seus discursos.

Rosa (2016) questiona o modo como certos discursos sociais obturam a polissemia do significante, produzindo sujeitos alienados de sua verdade, nas palavras dela “destituídos”

subjetivamente. Um dos desdobramentos mais comuns é o silenciamento, “o desarvoramento do lugar de fala do sujeito” (p. 35). Silenciamento que se estende à relação entre pais e filhos. Crianças e adolescentes ficam sem acesso à sua própria história por conta do silenciamento que vivem seus progenitores. A angústia frente ao inenarrável constrói a evitação. O não-dito acaba por ser a norma.

Porém, ao não dizer, os pais não calculam outro risco: o efeito da supressão de significantes fundamentais para dar andamento à constituição subjetiva. Sem tais significantes pode-se ficar apegado a uma única significação, quando o não-dito passa a ter relação com o sintoma, na medida em que pode aprisionar a criança no terror de uma verdade única, imutável e dominada pelos pais, como lançá-la em uma repetição desatualizada e fora de contexto (Rosa, 2016, p.36).

Segundo a autora, a supressão, interdição ou mesmo a distorção de significantes fundamentais podem favorecer a inibição e o sintoma, quando pensamos em crianças e adolescentes. Para os bebês, talvez, o que se apresenta é a “mostração”, o *dar a ver*, esse ponto de conjunção, parada, marca onde o significante deixou de fazer inscrição subjetivante e num endereçamento ao Outro se produz um enigma. É sempre na dimensão do ato e da repetição que aparecem as produções do sujeito com um enigma a ser lido. Rosa (2016) destaca ainda que os atrasos de desenvolvimento e o empobrecimento ideativo estão articulados aos não-ditos da história, assim como a repetição descontextualizada.

A pobreza extrema do território onde estava situada a *Casa dos Cata-Ventos*, a exclusão social a que estão submetidas as famílias que ali residem são fatores modificadores da construção do laço social. Muitas famílias obtêm o seu sustento pela catação de lixo. Recolhem das ruas da cidade, os restos e cacos e fazem deles uma possibilidade de sobrevivência. A identificação desses sujeitos à condição de resto, de lixo não é sem efeitos, inclusive na transferência que as crianças estabeleciam com a *Casa*. Sofremos de um eterno refazer: a repetição de tudo virar rapidamente lixo era impressionante. Constatamos que o silenciamento das famílias era reproduzido nas crianças de forma diversa, a violência sofrida era atuada sistematicamente até que uma narrativa pudesse ser construída para dar conta da fragilidade simbólica herdada na repetição de não-ditos e silenciamentos. A contação de histórias foi um dispositivo pungente para as crianças. Da escuta do mal-estar entre elas, racismo, por exemplo, buscamos histórias onde as crianças pudessem receber algo da origem de seus ancestrais negros, de princesas negras e orixás e novos significantes pudessem circular e produzir efeito de abertura à questão. Era necessário compreender melhor o que se apresentava à nossa escuta e testemunho.

Freud em seu texto de 1895, *Projeto para uma psicologia científica*, apresenta um modelo de aparelho psíquico. Considerado por muitos como um texto pré-psicanalítico, foi um texto resgatado por Lacan já no Seminário 2, "*O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*" como um texto portador de muitos dos conceitos psicanalíticos posteriormente desenvolvidos por Freud. Para a nossa discussão, gostaria de lembrar que para Freud, o aparelho, ainda chamado de nervoso, tinha como função principal regular as cargas de estímulos provenientes do corpo e do exterior, para responder às grandes necessidades humanas: fome, respiração e sexualidade. Em nota de rodapé, acrescentada pelo editor inglês, temos a seguinte observação: "Esses estímulos endógenos são, portanto, os precursores das pulsões" (p.405). Para o pai da psicanálise, o aparelho funcionava aos moldes do movimento reflexo neuronal, que buscava manter uma constância: quando grandes estímulos chegavam, alterando a homeostase, o aparelho buscava descarregar o excesso através da atividade muscular, buscando sempre se afastar do excessivo estímulo. Nas palavras de Freud (1950 [1895]),

Essa descarga representa a função primária do sistema nervoso. Aqui existe espaço para o desenvolvimento de uma função secundária, pois entre as vias de descarga, são preferidas e conservadas aquelas que envolvem a cessação do estímulo: *fuga do estímulo*... À proporção que [aumenta] a complexidade interior [do organismo], o sistema nervoso recebe estímulos do próprio elemento somático - os estímulos endógenos- que também têm que ser descarregados... deles, ao contrário do que faz com os estímulos externos, o organismo não pode esquivar-se... Eles cessam apenas mediante certas condições, que devem ser realizadas no mundo externo. (Cf., por exemplo, a necessidade de nutrição.) Para efetuar essa ação (que merece ser qualificada de específica), requer-se um esforço que seja independente da *Qn'* endógena e, em geral, maior, já que o indivíduo se acha sujeito a condições que podem ser descritas como *as exigências da vida*. (p.405)

Dessa forma, Freud apresenta o desamparo inicial da vida humana, do bebê humano, como dependente de uma ação específica que aplaque, reduza o mal-estar causado pela fome, pelas exigências da vida. Nenhuma descarga pode trazer alívio sem a ação específica de uma *ajuda alheia*, de um outro que modifique o ambiente externo apresentando o alimento, por exemplo. Para aplacar a fome, o frio, a dor nos tempos iniciais da vida, será necessário que o mal-estar seja percebido e apresentado pelo bebê. O aumento de tensão, gera desconforto e o bebê tenta solucionar com uma descarga motora, o choro. Quando a ação específica é realizada, a fome se apazigua e há o registro da queda de tensão interna, experiência de prazer. Experiência que será, a cada nova exigência, alucinada, como tentativa de aplacar o mal-estar. Ao falhar esse caminho interno de trilhar os rastros deixados pela experiência, o bebê introduz em sua vida a noção de tempo, mesmo sem o saber. Com o novo choro e o

retorno do outro cuidador, inaugura-se a função da comunicação. Tempo e comunicação em Freud serão os precursores da introdução à linguagem. Só é possível ao aparelho construir a noção de realidade quando o tempo inaugura a possibilidade do pensamento. Em *Pulsões e seus destinos*, Freud (1915) nos dirá que as pulsões poderão ser apaziguadas, porém sempre retornarão a exigir trabalho ao aparelho psíquico, pois sabemos que há algo que nunca cessa de não se inscrever conforme a compreensão do registro do Real na estrutura borromeana do sujeito.

Ainda no texto freudiano de 1895, Freud apresentará a dor como o “mais imperativo de todos os processos” (p.417). Segundo o autor, uma experiência de dor deixa marcas permanentes atrás de si, capazes de derrubar por completo as resistências das barreiras de contato. Vorcaro, Martins & Lucero (2018) nos apontam que a vivência de dor é singular e impossível de comparação entre os sujeitos. No entanto, quando a dor está presente de forma maciça durante os tempos iniciais da constituição psíquica do sujeito há prejuízo na forma como se constrói primariamente a realidade. Conforme autoras,

...portanto, quando as excitações possuem força suficiente para inundar o aparelho psíquico, só resta ao organismo tentar processá-las a partir da captura e do enlaçamento delas, passando-as do estado de fluxo livre para o estado de repouso. Vale ressaltar que o fracasso nesse enlaçamento provoca uma perturbação traumática, mantendo as cargas (a libido) em processo primário...a operação própria da compulsão à repetição seria a tentativa insistente de capturar e fixar psiquicamente as impressões traumáticas, que não estão disponíveis em estado de enlaçamento, sendo, portanto, incapazes de elaboração (p. 226).

A compulsão à repetição é medida de defesa e sinal de um fracasso do recalçamento, momento inicial da constituição psíquica. Porém não podemos apreender o sujeito como num infundável repetir, sem possibilidade de novas derivas. Seguindo o raciocínio das três colegas já citadas acima, “ a memória se presentifica de modo múltiplo, sendo registrada em diferentes espécies de signos e estando sujeita, de tempos em tempos, a uma reordenação...” (p.217) logo, possíveis de elaboração através de uma ação específica, também vinda de possibilidade de uma escuta psicanalítica onde a palavra possa circular, a história possa ganhar status de verdade e o inominável possa buscar sempre novos significantes para inscrever o sujeito e sua dor.

Penso que os bebês que brincavam as (às) bordas do desamparo trouxeram um enigma a todos nós que trabalhamos com a constituição psíquica em seus primórdios e principalmente, para aqueles que sustentam uma intervenção psicanalítica na cidade. Intervir a

tempo na infância é essencial para que a trança dos registros siga seus movimentos, para que o sujeito do inconsciente se constitua, para que as dificuldades de aprendizado não se transformem na norma dessa população tão cruelmente violada em seus direitos básicos, assujeitadas a toda sorte de violências. A constituição do sujeito depende de como se desdobra o tempo de tutela infantil.

O trabalho no território exige um outro tempo que é o da construção da transferência, com a comunidade e com os pais. Como equacionar essa diferença? Como desdobrar demanda onde há muitas e expressivas necessidades nas famílias? Como intervir junto aos bebês em risco nesse tempo de construção de um trabalho/serviço?

Hannah Arendt (2016) no livro *Entre o passado e o futuro* trabalha a ideia de que as crianças *entram no mundo* pela escola. Para a filósofa, a escola é a primeira instituição não familiar a acolher as crianças com o objetivo de educar. A escola representará o mundo para as crianças e os adultos. Nesse contexto, ficam responsáveis pela infância. Trabalhar na área da infância nos iguala à função do educador de Arendt: somos todos responsáveis pela infância. Arendt conjuga a ética à responsabilidade dos adultos para com as crianças. O que nos faz humanos é poder contar histórias, narrar os fatos, estarmos mergulhados na linguagem e dela fazermos um uso ético. Cada criança que não tem acesso a essa riqueza da língua, saber escrever, ler, interpretar o que está escrito ou o que está lhe sendo dito, é um fracasso civilizatório e somos, como adultos, responsáveis. A *Casa dos Cata-Ventos* ocupava num lugar semelhante à escola de Arendt e ao trabalharmos com as vicissitudes da constituição infantil, nos tornamos responsáveis pelas derivas que acompanhamos.

A vida em territórios de vulnerabilidade social está permeada pelas mais diversas formas de violência, mas também de resiliência. As crianças que se estruturam nesse laço social, marcadamente violento, muitas vezes ficam à própria sorte ou aos cuidados de irmãos que sofrem a mesma incapacidade estrutural, são sujeitos também em processo de constituição psíquica. Ficam, assim, impossibilitados de ler perigo, risco ou mesmo de simbolizar adequadamente uma vivência. Fratrias que carregam a marca do desamparo e que muitas vezes são relançadas a ele, diuturnamente, sem a intermediação de um adulto capaz de sustentar um Outro primordial que auxilie nas elaborações necessárias. A configuração do trauma se dá quando não há possibilidade do recobrimento dos excessos com palavras e histórias que ajudem nos enlaçamentos pulsionais. Os silenciamentos geracionais resultados de histórica exclusão social têm efeitos.

Rosa (2016) propõe que alguns sujeitos frente ao trauma são capazes de uma suspensão temporária, que pode durar a vida toda. Nas palavras da autora,

Constatamos a apatia, a solidão e o emudecimento, assim como a reprodução, na subjetividade, da violência e da pobreza afetiva e intelectual, como encobridora da possibilidade de elaboração simbólica que poderia dar forma sintomática ao que é vivido como traumático...o sujeito cala-se. Constrói uma barreira sólida e necessária, que tem sua expressão no que chamo de emudecimento do sujeito e de apatia necessária, rompida, por alguns, por reações violentas. Observa-se nessa suspensão temporária - às vezes, da vida inteira, mas temporária e não estrutural - um modo de resguardo do sujeito ante a posição de resto na estrutura social. Uma proteção necessária para a sobrevivência, uma espera, uma esperança (p.43).

Vorcaro (1999) em *Crianças na Psicanálise clínica, instituição, laço social* nos aponta a viragem necessária para tratar uma criança. Segundo a autora, é necessário “emprestar-lhe desejo, significantes e imaginário, para que ela possa experimentar e constatar a possibilidade de sair das determinações do campo da linguagem em que está imersa, através do seu ato de fala” (p.13).

A psicanálise ao se debruçar sobre as crianças e os bebês, especificamente, traz, novamente, para o seu campo de trabalho a pulsão escópica. Desde que Freud (1889/1990) escutou as histéricas no divã e pediu que falassem livremente, a cena foi elidida do setting. Não havia mais nada a ver, apenas a escutar. Será o netinho de Freud (1920), com a brincadeira do carretel, que introduzirá ao psicanalista a questão do enigma às produções infantis. Além do enigma, o encontro com o brincar de seu neto, introduziu o tempo ao olhar a cena.

Tempos da pulsão e tempos constituintes do sujeito. “A linguagem age como barreira à satisfação direta da pulsão e dissolve toda e qualquer concepção naturalista e espontânea da sexualidade para o ser falante, e, conseqüentemente, da existência de um instinto no homem” (Quinet, 2002, p.81). A pulsão segue à deriva na busca de uma satisfação. Na impossibilidade que essa seja completa, seguirá em suas derivações, mesmo que sintomáticas.

O olhar da mãe, objeto destacado do Outro, é perdido desde sempre. Por ser perdido, coloca a mola do desejo a se mover e o olhar será “um dos suportes do desejo do Outro” (Quinet, 2002, p.83). O *dar a ver* é correlato ao ser olhado, tempo pulsional. Estratégia sempre ambígua do sujeito pois o olhar que ele atrai pode ser aquele que inscreve a vida, mas também pode ser mortífero.

O jogo pulsional que inscreve a letra e o significante no corpo do bebê colocando-o na linguagem é extremamente trabalhoso para bebês e seus cuidadores. Os desencontros entre corpo e linguagem são constituintes e os percalços são frequentes. A clínica Psicanalítica com bebês traz o olhar novamente para o setting e exige que o analista conjugue voz e olhar. Escuta e leitura. Escuta aos pais e leitura do *dado a ver* como um enigma que o bebê produz no encontro com o Outro. Olhar e escuta que permite ao bebê advir como sujeito.

5 CONSIDERAÇÕES SOBRE UM TEMPO: O DESEJO DE CONSTRUIR

Nosso trabalho com as crianças da vila demonstrou a necessidade de nos debruçarmos sobre os primeiros tempos da infância. O silenciamento a que estão submetidos os sujeitos no território esteve presente na transferência que adultos e crianças mantiveram com a *Casa dos Cata-Ventos*. A violência e a exclusão social deixam marcas e muitas delas, de tanta dor psíquica que geram, subtraem, por tempos variáveis, as condições de elaboração dos sujeitos. A intensidade do silenciamento e da violência apareciam em ato, nas impossibilidades do brincar, de uma narrativa que contivesse a fúria dos pequenos sujeitos que, submetidos ao mais cruel da dor, tinham poucos recursos para lidar com ela.

Os bebês viviam as mesmas desventuras que seus irmãos e pais. Sabemos o quanto um espaço de escuta e acolhimento para mães e bebês poderia ser apaziguador, um respiro necessário, um momento, um tempo e espaço, onde palavras pudessem sustentar uma aposta diferente para adultos e bebês.

Costumávamos descrever a *Casa dos Cata-Ventos* como um espaço-tempo para brincar, conversar e contar histórias. Buscávamos, a partir, dessa pesquisa inventar um dispositivo para o acolhimento dos bebês e suas mães. A escuta-*flânerie*, método de intervenção psicanalítica que conjuga a *flânerie* tão bem estudada por Benjamin e a atenção flutuante freudiana, foi proposta inicialmente por Rose Gurski (2008, 2016, 2018, 2019) como método para escuta de adolescentes e posteriormente, também nos acompanhamentos de medidas socioeducativas. A psicanalista portoalegrense aproxima a figura do *flâneur* de Baudelaire, esmiuçada pelo filósofo Walter Benjamin à figura do analista. Ambos estão atentos aos pequenos detalhes, aos restos que traduzem mais que a história para reconstruir uma nova compreensão, para instaurar um novo olhar. O caminhar sem roteiro, mas em atenção flutuante, poderia ser a intervenção primeira, que estabeleceria uma nova transferência, mais próxima daqueles que constituem a vida nesse rincão da cidade, chamado Vila São Pedro. Um tempo de escuta às portas das casas, com os bebês nos colos ou já pela rua. Tempo de construção de um olhar, uma leitura que enlaçasse bebês e suas famílias, por esta parte da cidade que (des)conhecemos, na qual andamos como estrangeiros.

Apostávamos na escuta e na palavra verdadeira como formas de intervenção na leitura de sofrimentos, no acompanhamento das questões trazidas pelas crianças. Acredito, ainda, serem contundentes formas de esburacar o registro da violência, possibilitando que crianças se encontrem com a polissemia das palavras e, dessa forma, se produzam brechas nos discursos de exclusão. Trabalhávamos para que, um dia, letras e poesia se transformassem em atividades produtoras de prazer e não signos de exclusão. Como Arendt (2011) apontou, a responsabilidade com a sustentação da História e do Humano é de todo o adulto preocupado com a causa da infância, posição que nos coloca à contra-pelo de discursos vigentes.

Pensamos o mecanismo da dor, proposto por Freud em 1895, como um paradigma à vida nua, aos excessos a que estão submetidos todos os sujeitos que nascem em situação de vulnerabilidade. Essa construção paradigmática nos apontou um trilhamento necessário para pensar a construção da intervenção que desejávamos.

A psicanalista-pesquisadora em sua escuta-*flânerie*, no território, deveria poder apontar novas leituras do tempo da infância, da travessia que os bebês necessitam fazer para sobreviver à distopia do mundo apresentado a eles.

Esperamos, apesar do fechamento temporário da *Casa dos Cata-Ventos*, com nossa pesquisa, levantar algumas questões referentes à constituição psíquica dos bebês que vivem em territórios de vulnerabilidade social e ampliar a discussão da intervenção psicanalítica extramuros. Desejamos, sobretudo, validar a psicanálise na *pólis* como um campo de saber que porta uma ética: sustentar a existência de sujeitos onde muitos ainda estão como restos, sujeitos em estado de suspensão, à espera de uma inscrição que possibilite a vida.

Rosa (2016) nos apontou um elemento essencial à aposta do trabalho psicanalítico em territórios de vulnerabilidade, a suspensão do sujeito à espera do Outro. Pensamos que a Psicanálise na cidade se torna, com essa formulação, sinônimo de uma ética da esperança. Ética que desejamos sustentar para que os bebês façam da *Casa dos Cata-Ventos*, numa próxima edição do projeto, efetivamente, uma estrutura Dolto.

6 OS LABIRINTOS FILOSÓFICOS DO DESPERTAR COMO MÉTODO

A imprevisibilidade dos destinos da transferência está como pano de fundo das intervenções psicanalíticas, sejam elas mais protegidas pelo setting clássico ou em trabalhos dentro de diferentes territórios. O movimento de saída do setting clássico para o trabalho e escuta nos territórios deflagrados pela violência acrescenta ao analista a leitura de um social ao qual, na maioria das vezes, ele não pertence ou conhece de fato. Pensar a sociedade com as exclusões a que estão submetidos os sujeitos escutados é outra função do analista que se dispõe à intervenção psicanalítica na *pólis*.

A entrada no território abre ao olhar do analista os restos de sua própria vida. Trabalhar numa comunidade onde se recicla o lixo é como adentrar num avesso desagradável de si mesmo. O quanto estamos ativamente contribuindo para que tantos vivam de restos, sobras e lixo? A escuta lá construída está sempre transpassada pelo horror desse avesso. Em maior ou menor grau, a escuta se apresenta com distorções pois a perda do setting retira definitivamente o analista de um lugar neutro. Não é possível, adentrar um território de violências como uma tela em branco. O analista reage e pulsa: seu pulsional faz inscrições.

Retomarei a cena já descrita do encontro da analista com a brincadeira dos bebês com a boneca. Como num trabalho de escuta do sonho, descreverei novamente a cena dos bebês e da boneca. Algo da narrativa se altera? O que resta? O que é transmitido?

Dois bebês de aproximadamente dois anos brincam numa ruela, sem asfalto, sem calçadas, em meio a buracos, terra, cachorros e lixo. Pessoas vêm e vão. A cidade ali é apenas um arremedo qualquer, uma criação mais de sobrevivência do que de planejamento. Eles brincam com entusiasmo com uma boneca, dessas que são muito parecidas com bebês de verdade. São dois bebês brincando com uma boneca muito semelhante a eles. A cena do brincar é intensa, para não dizer agressiva. Os bebês largam a boneca no meio da rua, a arrastam para logo ali a pegar. Ora um a puxa, ora outro a empurra para longe. Há uma encenação ali? O tempo de quem observa a cena está marcado pela escuta de uma história de profunda dor que envolve a família dos bebês e a angústia que o brincar agressivo e sem bordas provoca. A avó das crianças está à beira da morte e sua bisavó relata a dor que a família vive. O tempo da brincadeira infantil também está marcado pela narrativa de sofrimento da família, porém nenhum adulto se dirige aos pequenos. Para eles, há a parceria do brincar de primos e a boneca, destinatária de tantos maus tratos e abandonos. Os bebês deixam a boneca na rua. Carros passam e os adultos à volta não dirigem o olhar para os bebês

que ali brincam. Na rua empoeirada e suja, surge uma cadela que leva a boneca para sua casinha. Ela é protegida, assim, da brincadeira dos bebês. A brincadeira foi interrompida. A conversa também. Resta o pensamento e a angústia: como estão sendo cuidados os bebês nesse momento tão intenso? Quem fará o resgate da boneca para que a brincadeira siga? Quem resgata os bebês da rua? Quem resgata os bebês? Na ruela da vila, a vida é encenada em brincadeira e relato. Em meio ao desamparo, a vida insiste.

Após a boneca ser resgatada, pela tia das crianças, da casinha da cachorra, muitos risos excitados dos pequenos e os bebês são levados para dentro de casa. Seguimos na escuta da bisavó, à porta da casa. Outro bebê, Alexandre, vem para a rua com a boneca nos braços. A mesma cena se repete com um novo ator. Numa das vezes em que a boneca é largada na rua, um carro entra pela via e Alexandre se precipita para salvar a boneca dizendo: o bebê!! Eu o seguro, num abraço, para que não seja atropelado e lhe digo: o bebê está aqui!! Bem seguro!! O carro passa, eu o solto, ele sorri e busca a boneca. Alexandre passa por mim com o seu “bebê” nos braços e entra para casa. A vida que parece se repetir, faz uma curva. Um adulto interfere no brincar e introduz cuidado.

Da angústia da analista com o encontro de uma realidade às bordas do desamparo, sobra, como resto, o desejo de encontrar uma metodologia que provoque o deslizamento teórico necessário para que o vivido não obture o olhar, não feche a interpretação e não impeça a possível continuidade da intervenção.

Foi da leitura de alguns filósofos que se abriu uma alternativa para trabalhar a cena que tanta angústia causou.

Trataremos a cena impactante da brincadeira dos bebês com a boneca e o cachorro como uma imagem de arte. Uma imagem que será lida por uma pesquisadora/psicanalista segundo a “rasgadura de imagem” proposta por Didi Huberman (1990/2015).

A leitura exige um trabalho de deciframento de um código, seja a palavra escrita, seja uma produção humana. O brincar infantil é uma das primeiras produções criativas do ser humano. O brincar contém trabalho psíquico semelhante ao trabalho dos sonhos. Os sujeitos buscam em seu brincar e em seu sonhar uma elaboração. O inconsciente está, em ambas as produções humanas, presidindo a cena, porém ele está ali cifrado, está encoberto. O brincar infantil com um carretel, por exemplo, na ausência da mãe, pode traduzir mais que o prazer de fazer rolar o objeto e o buscar com um puxão pela corda como já nos ensinou Freud (1920/1990). No brincar há o prazer do controle do objeto, sem dúvida, mas há também o prazer de ser aquele que joga para longe o objeto de desejo (brinquedo) e o traz para perto conforme o próprio desejo. Se a mãe impõe à criança o seu afastamento e a criança é passiva

nessa cena, no jogo com o carretel ela é ativa e produz em outro objeto aquilo que viveu passivamente.

É no texto freudiano *Além do princípio do prazer*, de 1920, que o autor trará questões pertinentes ao sofrimento presente em algumas brincadeiras e sonhos e o porquê de serem repetidos à exaustão, sem possibilidade de evitar o profundo mal-estar que a repetição causa. Nos dirá Freud, que o sofrimento está apenas numa parte do nosso psiquismo, no eu consciente; outra certamente estará em estado de prazer, prazer inconsciente. Esse texto marcará na obra freudiana a presença de duas pulsões a comandar o funcionamento psíquico. Uma que busca ligar experiências e lhes dar sentido, pulsão de vida. E outra, que provoca a disrupção, o desligamento, mas também a possibilidade de uma abertura, do novo, a pulsão de morte. O sujeito freudiano terá para sempre, a partir de 1920, duas forças pulsionais que se combinam e tensionam, pulsão de vida e de morte.

O constructo teórico de uma força dual que permite ao ser humano sempre novos rearranjos, permitindo novas ligações e rompimentos, inclusive a elaboração da dor através de sua repetição é um legado freudiano. Repetimos numa tentativa de elaborar, mesmo que ali a dor seja reencontrada a cada repetição.

Quando um bebê nasce, ele será banhado por palavras, afetos e cuidados. São essas palavras, que o precedem e o envolvem, que o alçarão à condição de humano. Passado, presente e futuro. O desejo materno é capaz de conjugar três tempos verbais de uma só vez. É através do desejo materno que a mãe, aquela que exerce a função materna, o introduz no mundo da linguagem.

Sabemos que os bebês demoram a falar. E quando falam é um longo processo até que possam dizer sozinhos, sem precisar da ajuda dos pais, o que lhes incomoda ou acontece. Enquanto não falam, podemos ter notícias de como estão se estruturando através de sua organização corporal e produções: como dormem e se alimentam, como sustentam o próprio corpo, como demandam a presença e buscam o olhar, como brincam e adoecem, por exemplo.

No brincar infantil, há um enigma. A cena tem sempre um endereçamento. Como no conto a *Carta roubada* de Edgar Allan Poe que Lacan trabalhou no seminário de 1956, o brincar é um *dado a ver*. O brincar, assim como o sintoma, são enigmas como a carta roubada, que apesar de estar às vistas de todos, permanece oculta, mas determina os movimentos de todos na cena. Essa construção lacaniana ganha mais importância quando pensamos em bebês ou crianças que ainda não falam e que são o resultado complexo do encontro com o Outro. Tomamos o Outro como o tesouro de significantes que as famílias

entregam aos seus bebês, esse vasto campo cultural e geracional que o encontro entre adultos e crianças comporta.

O brincar pode portar um mal-estar e sobre ele os bebês ainda não têm condições de dizer algo. A única forma de um bebê ou criança pequena demonstrar o seu sofrimento é através de suas produções e adoecimentos. Podemos sustentar que o sintoma ou o brincar infantil “é, portanto, um manifesto cifrado que se endereça ao Outro” (Jerusalinsky, 2011, p.53). Se é cifrado, necessita de uma leitura que só poderá ser realizada com a observação da cena e a escuta dos pais ou adultos que fazem o cuidado desses bebês. O enigma só poderá ser elucidado dentro da cadeia significante em que estão ancorados, bebê e pais.

O que os bebês buscavam elaborar no jogo que faziam entre si e a boneca? O que a cadela aplacou? Quem são os personagens desse brincar, pai e mãe, mãe e filho? A boneca está representando quem na cena? A agressividade da cena tem relação com o surgimento da própria agressividade ou é expressão alheia sendo elaborada?

Muitas perguntas para a cena em questão e um acesso aos pais ainda por ser construído. A questão da pesquisadora segue: O que um brincar à (a) borda do desamparo tem a ensinar para um psicanalista? O quanto a cena é portadora de um não-saber sobre a vida de bebês em situação de vulnerabilidade social?

Didi-Huberman (1990/2015) em seu texto *A imagem como rasgadura e a morte do deus encarnado* aponta o paradoxo de quem quer olhar e saber, do sujeito de saber. Didi-Huberman recupera a *caixa da representação* kantiana, um dispositivo feito em rede e com espelhos, fechado sobre si, onde por mais longe que o sujeito transite, sempre se encontrará com a sua imagem, com o reflexo de si. Para Kant, segundo o autor, o sujeito do saber é especulativo e especular. Como fugir deste paradoxo?

Para ultrapassar o limite dado pelo especular, é necessário forçar a parede do próprio saber, romper com ele e entrar numa área desconhecida, própria ao não-saber. Nas palavras do autor,

Eis uma fórmula extrema, quando não exasperada, dessa escolha: *saber sem ver* ou *ver sem saber*. Uma perda em ambos os casos. Quem escolhe *saber* somente terá ganho, é claro, a unidade da síntese e a evidência da simples razão; mas perderá o real do objeto, no fechamento simbólico do discurso que reinventa o objeto à sua própria imagem, ou melhor, à sua própria representação. Ao contrário, quem deseja *ver*, ou melhor, olhar, perde a unidade de um mundo fechado para se encontrar na abertura desconfortável de um universo agora flutuante, entregue a todos os ventos do sentido; é aqui que a síntese se tornará frágil a ponto de se pulverizar; e o objeto do ver, eventualmente tocado por uma ponta de real, desmembrará o sujeito do saber, votando a simples razão a algo como sua rasgadura. *Rasgadura* seria então a primeira palavra,

a primeira aproximação para quem renuncia às palavras mágicas (Didi-Huberman, 2015, p.186).

O filósofo segue propondo que a rasgadura da imagem possa acompanhar a rasgadura também da lógica, do saber conhecido. Ele nos propõe algo além. A proposta é que possamos permanecer no dilema *entre saber e ver*. O que ele nos sugere é *dialetizar*. Poder ver algo e não saber tudo sobre ele; ou poder saber algo sem ter visto tudo.

Didi-Huberman resgata, em seu escrito, Freud e a interpretação dos sonhos e, também, como o médico neurologista fundador da Psicanálise rompe com a caixa da representação ao afirmar que o sonho é sempre uma imagem distorcida. “Tal é a desconcertante poética do sonho: o tempo se inverte, se rasga, e com ele, a lógica.” (Didi-Huberman, 2013, p.196) No trabalho do sonho, todos os contrários podem se condensar; a ausência pode demonstrar a presença de um deslocamento. A imagem só pode ser compreendida se rasgada, dilacerada pois o que se apresenta numa imagem onírica é de outra ordem. A rasgadura da imagem é, em Freud, o que possibilita uma variedade de interpretações para o sonho. A imagem do sonho que era unívoca passa a ser equívoca e incerta pela lógica fracionada que a rasgadura da imagem provocou.

Relembro aos leitores que o sonho e o brincar infantil têm em sua estrutura o mesmo trabalho do inconsciente. Ali, onde a imagem aparece, tem outra cena atrás. Temos para as crianças pequenas, suas formações inconscientes ainda em processo de constituição. Aqui, no tempo da infância, não é possível a síntese pois os processos estão ainda abertos e sujeitos a muitas intercorrências. Trabalhar com a infância é um processo dialético por si. O que sabemos nunca é sobre o todo, ainda não realizado; nem tão pouco o dado a ver é estável, ele se modifica conforme a passagem do tempo.

Em *O que vemos, o que nos olha*, Didi-Huberman seguirá os desdobramentos da rasgadura da imagem. Na brincadeira com o carretel, do neto de Freud, ele propõe que a *perda* faz o jogo ter importância. Nas palavras do autor,

Momento central de imobilidade, suspensiva ou definitiva _ uma sempre oferecida como memória da outra _, em que somos *olhados* pela perda, ou seja, *ameaçados* de perder tudo e de perder a nós mesmos... a criança do carretel olhando seu jogo como se sofre a ausência repetida _ e cedo ou tarde fixada, inelutável, definitiva _, de uma mãe. (Didi-Huberman, 2010, p. 86)

Para o autor, o jogo infantil entra para a história do sujeito, mesmo quando ainda não fala, porque ele “se afigura por antecipação num jogo de linguagem”. (p.181) Será a partir da

obra de Benjamim, que Didi-Huberman restituirá a questão da imagem dialética como uma consequência da rasgadura da imagem. Da imagem sempre resta uma perda, algo não capturado que remete ao inelutável próprio da linguagem, à divisão dentro de nós daquilo que vemos e daquilo que nos olha. O ato de ver se abre em dois.

Então começamos a compreender que cada coisa a ver por mais exposta, por mais neutra de aparência que seja, torna-se *inelutável* quando uma perda a suporta _ ainda que pelo viés de uma simples associação de ideias, mas constrangedora ou de um jogo de linguagem _ é desse ponto que nos olha, nos concerne, nos persegue. (Didi-Huberman, 2010, p.38)

Quando o ato de ver se abre em dois, podemos dizer que rompemos com a caixa da representação. Ao permitir que a rasgadura abra os sentidos da imagem propomos uma dialética onde pode surgir o sintoma, o resto como perda, o inelutável.

Rancière em *O desentendimento política e filosofia*, nos dirá que o que um filósofo pode aportar a uma discussão é produzir, no encontro, um efeito de pensamento. Efeito que será de abertura de novas questões caso seja possível a descoberta do ponto de desentendimento entre as partes envolvidas no diálogo. Efeito de pensamento a partir do reconhecimento de um dano, de uma perda, do encontro com o inelutável.

Ao pensar a Democracia, Rancière compreende o povo como o portador do dano e por isso, é aquele que põe em cena o litígio e a necessidade da política. É a política que determina a partilha do comum, porém sempre, na conta dessa divisão, há um erro. Contam para a Democracia, desde Aristóteles, os aristocratas e os virtuosos. O povo recebe a liberdade ao deixar de ser escravo, mas o seu bem não o diferencia em nada pois ela já era de todos. Rancière nos apontará que o povo “nada mais é que a massa indiferenciada”, não possui riqueza, nem tão pouco virtude. A ele será atribuído liberdade, virtude comum também aos nobres aristocratas e aos virtuosos. As pessoas do povo são, efetivamente, livres como os são todos. Há uma apropriação pelo povo do que é comum: a liberdade. Logo, ele será o portador de um litígio à comunidade. O povo porta em si o dano que não finda: aqueles outros que portam nobreza ou virtude relançam o povo à inexistência, sua liberdade não é própria, nem tampouco a sua parte da democracia.

“A luta dos ricos e dos pobres... institui a própria política” (Rancière, 2018, p.26). Ela institui a parte dos sem parte baseada no dano. Há um incomensurável inaugurado e distribuído no meio dos homens.

A política existe quando a ordem natural da dominação é interrompida pela instituição de uma parte dos sem-parte. Essa instituição é o todo da política enquanto forma específica de vínculo. Ela define o comum da comunidade como comunidade política, quer dizer, dividida, baseada num dano que escapa à aritmética das trocas e das reparações. Fora dessa instituição, não há política. Há apenas a ordem da dominação ou a desordem da revolta (Rancière, 2018, p.26).

Em seu livro *A partilha do sensível estética e política*, Rancière nos lembrará que Platão recomendava embalar incessantemente as crianças de colo quando a cidade ficasse hostil ao teatro (às artes) e à palavra escrita (ao conhecimento). Podemos compreender que cidades sem arte e sem acesso ao conhecimento são espaços sem política, sem reparação de danos. Restituir a possibilidade de falar do dano, do que resta na cidade como sintoma a ser descoberto é um ato político em sua essência.

Usaremos como metodologia deste ensaio a montagem de fotos como *rasgadura da imagem* proposta por Didi-Huberman para dialetizar a cena dos bebês permitindo fazer também a rasgadura/abertura dos danos que a cena apresenta. A quais danos eu me refiro? Faço referência à angústia que sobrou como resto ao vivido e à política pública vigente que mantém os sujeitos, que nascem em extrema pobreza, identificados como resto e lixo em nossa sociedade. Como separar o sujeito do sintoma social? Como ler o *dado a ver* de um bebê sem deixar que o peso de uma política pública cada vez mais excludente recaia sobre a leitura que faremos de seu brincar?

Para o exercício de *rasgadura da imagem* optou-se pela escolha de uma imagem que simbolize a questão, que faça referência à cena dos bebês. Após sua escolha, uma montagem com outras imagens que produzam uma dialética, uma abertura à questão. No interstício entre cada uma das fotos e a imagem/foto simbólica, a produção de uma narrativa. A cada narrativa, novos significantes podem surgir, dando novo sentido ou complexizando a imagem inaugural.⁶ Como um sonho que ao ser narrado muitas vezes, recebe sempre um novo olhar e produz uma nova abertura.

⁶ Utilizarei parte do trabalho apresentado na disciplina *Projeto como pensamento: diálogos com a filosofia*, do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional PROPUR da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cursada no primeiro semestre de 2019, sob orientação do Professor Doutor Paulo Edison Belo Reyes.

6.1 A Imagem

Foi, durante a referida disciplina, que compreendi a *rasgadura da imagem*, proposta por Didi-Huberman (2010), como uma metodologia produtora de dialética e esta compreensão me permitiu um giro na elaboração da cena da brincadeira dos bebês. Tomar a cena como uma obra de arte, como uma imagem que pode, no encontro com outras imagens, produzir diferentes discursos, é um jogo de linguagem tão rico e inusitado como o trabalho de elaboração de um sonho.

Para tal, nesse ensaio-montagem buscaremos abrir a cena inicial, representada numa imagem dialética potente, cuja rasgadura propiciará o encontro de novos discursos, equívocos e incertezas. Tal qual num sonho, reunir imagens para delas decantar outras palavras, outros versos que ensejem e ensaiem uma partilha mais sensível e justa da cena vivida.

Pensar a cena como uma imagem de arte para poder, a partir do exercício filosófico de rasgar a imagem, encontrar conteúdos latentes ao olhar. Nem sempre o que vemos encerra em si o seu valor. Tal qual uma cadeia significativa, imagens nos remetem a outras imagens e novas narrativas podem ser construídas.

A cena central do exercício proposto é a cena da boneca roubada pela cadela em meio ao brincar dos bebês. O animal com seu instinto constrói borda à brincadeira, interfere no gozo e impõe trabalho a todos.



Fonte: fotografia da autora.

Era uma vez o cachorro que adorava brincar com crianças.
Roubava bolas, meias, pauzinhos e, quando necessário, até cuidava delas.
Sentado aguardava os gritos das crianças... hora de brincar!!
Podia correr atrás delas, ou mesmo correr delas.
Só não suportava choro e grito de dor...
Muita perna mordeu.
Muito brinquedo salvou.
Algumas crianças amou.
Até um bebê pra sua casinha levou.

A imagem foi capturada meses depois da cena com os bebês. A cadela está sempre às voltas com as crianças. Por vezes, tranquila, por vezes, feroz cuidando de seu território.

A vila onde trabalhávamos é conhecida como Cachorro Sentado. Seria alusão aos homens sentados à beira do caminho, sem trabalho formal, como sugere Cláudia Fonseca (2000), em seu livro *Família, fofoca e honra: relações de gênero e violência em grupos populares*.

Quando me dou conta da escolha da imagem, penso no enigma que é um cachorro sentado de costas para quem entra em seu território. A incerteza de sua reação deixa sempre aquele que se aproxima em alerta. Não é possível saber quando o cachorro ali sentado, se voltará para nos morder ou para nos recepcionar abanando o rabo. Assim é com a violência que pode irromper no território, na vida, nas relações. Nunca se está preparado para o real que irrompe. As intensidades só podem ser elaboradas no *a posteriori*. A Vila Cachorro Sentado carrega no nome o enigma da irrupção da violência. “Renata, você já assistiu filme de terror? Aqui, aos domingos, é muito, muito pior que filme de terror. Eles bebem, brigam, se matam.” No relato de crianças, após uma assembleia, para conversarmos sobre as destruições dos brinquedos e da estrutura da Casa, aparece uma referência ao filme de terror como paradigma do que vivem junto aos adultos nas tardes de domingo. O tempo suspenso, da espera da violência que pode irromper a qualquer momento, altera humores, vidas e clama por palavras, por uma narrativa que crie sentidos e permita que os não-sentidos possam surgir e provocar novos enigmas.

6.2 Imagens divergentes



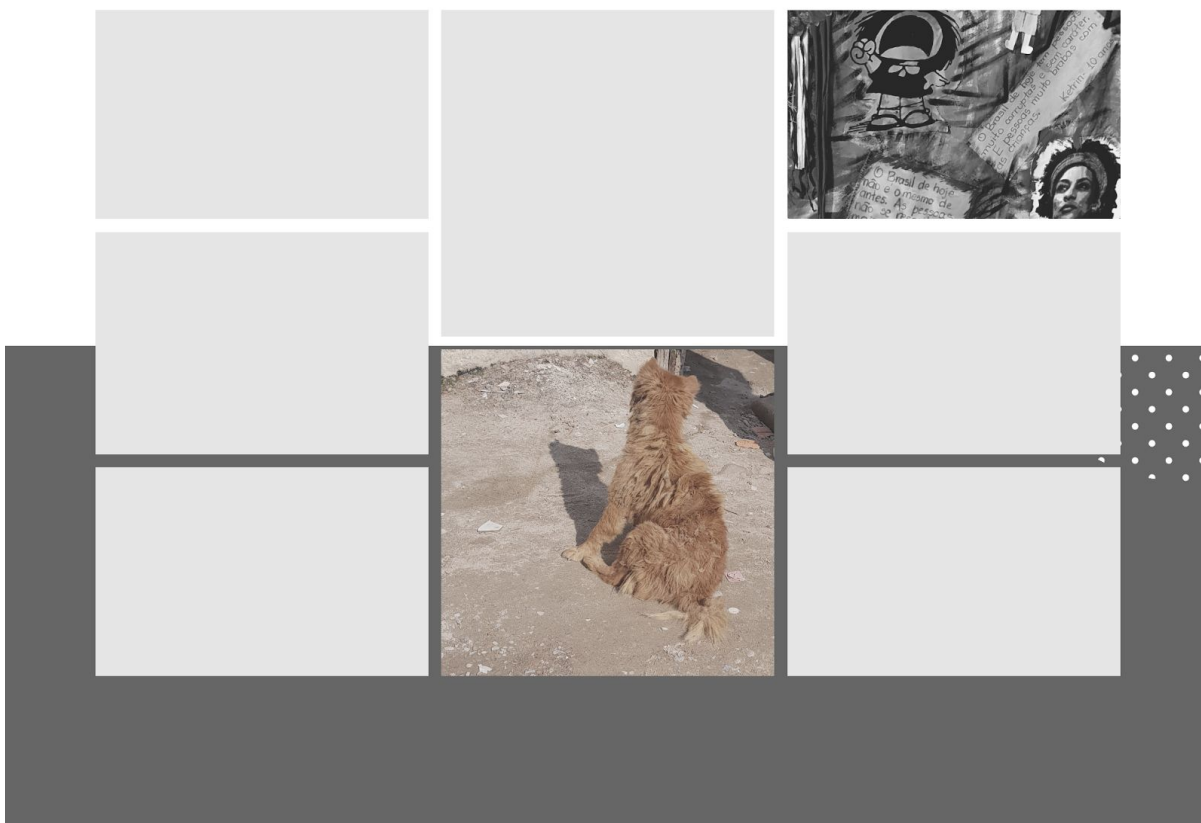
Fonte: fotografias da autora

O reflexo da vida, duplicado no espelho d'água, ameniza a aridez do território. É um sopro de beleza onde a espera da estiagem é também a aposta na possibilidade de mais brincar, mais rodas de capoeira e contação de histórias. Vida que se reflete e se renova. Sempre.



Fonte: fotografias da autora.

Crianças embaladas no colo como já pediam Platão, nossas avós e todas as Margaridas que lutam pela vida. Se a vida está escassa de arte, embalamos os filhos para amenizar os tempos de dureza. Se a vida está repleta de amor e flor, embalamos os filhos para os acarinhar e ensinar que somos humanos. No aconchego do colo, o ritmo do consolo e da vida.



Fonte: fotografias da autora

Moça bonita do laço de fita

Com quem será que ela vai se casar?

Moça bonita do laço de fita

Onde será que ela vai trabalhar?

No shopping, na pista, em todo lugar.

Moça bonita do laço de fita

Como será o seu lar?

Sem violência, com muito respeito e cheiro de mar.



Fonte: fotografias da autora

“...Finja que agora eu era o seu brinquedo

Eu era o seu peão

O seu bicho preferido

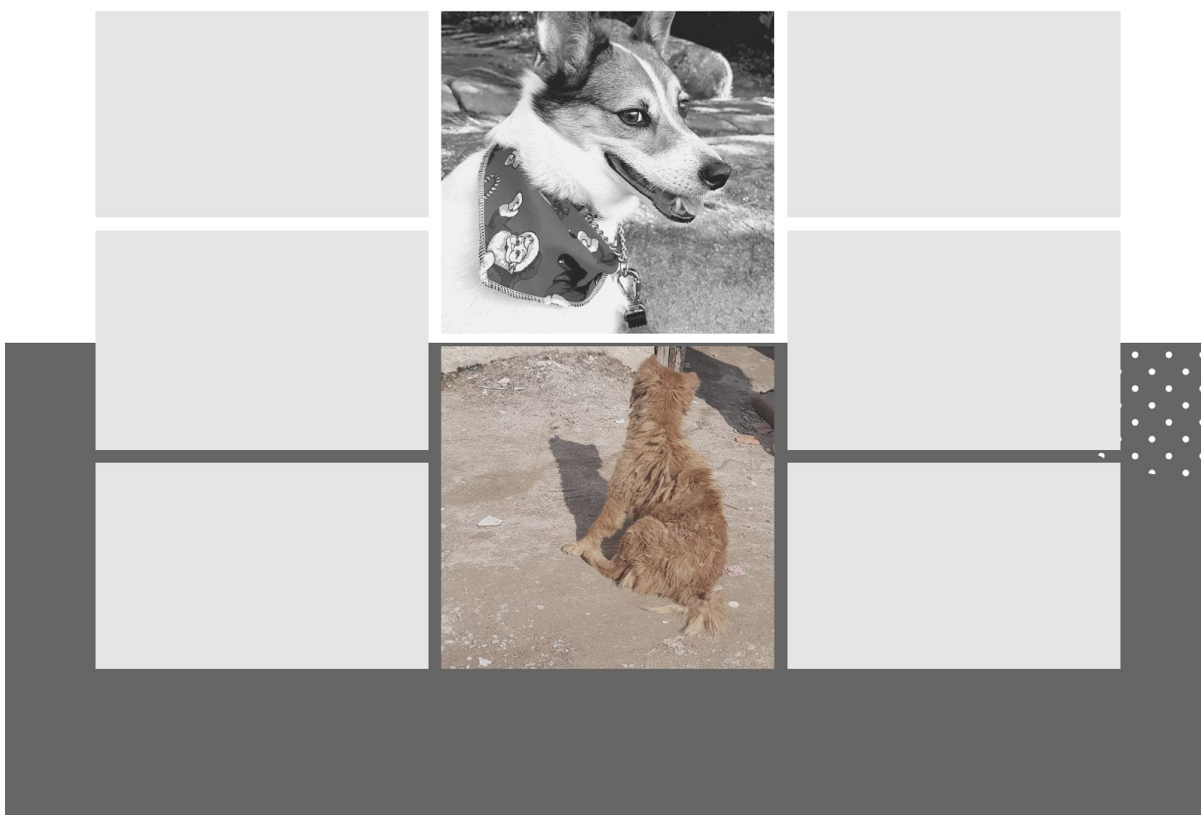
Vem, me dê a mão

A gente agora já não tinha medo

No tempo da maldade

Acho que a gente nem tinha nascido...”

João e Maria, música de Chico Buarque.



Fonte: fotografias da autora

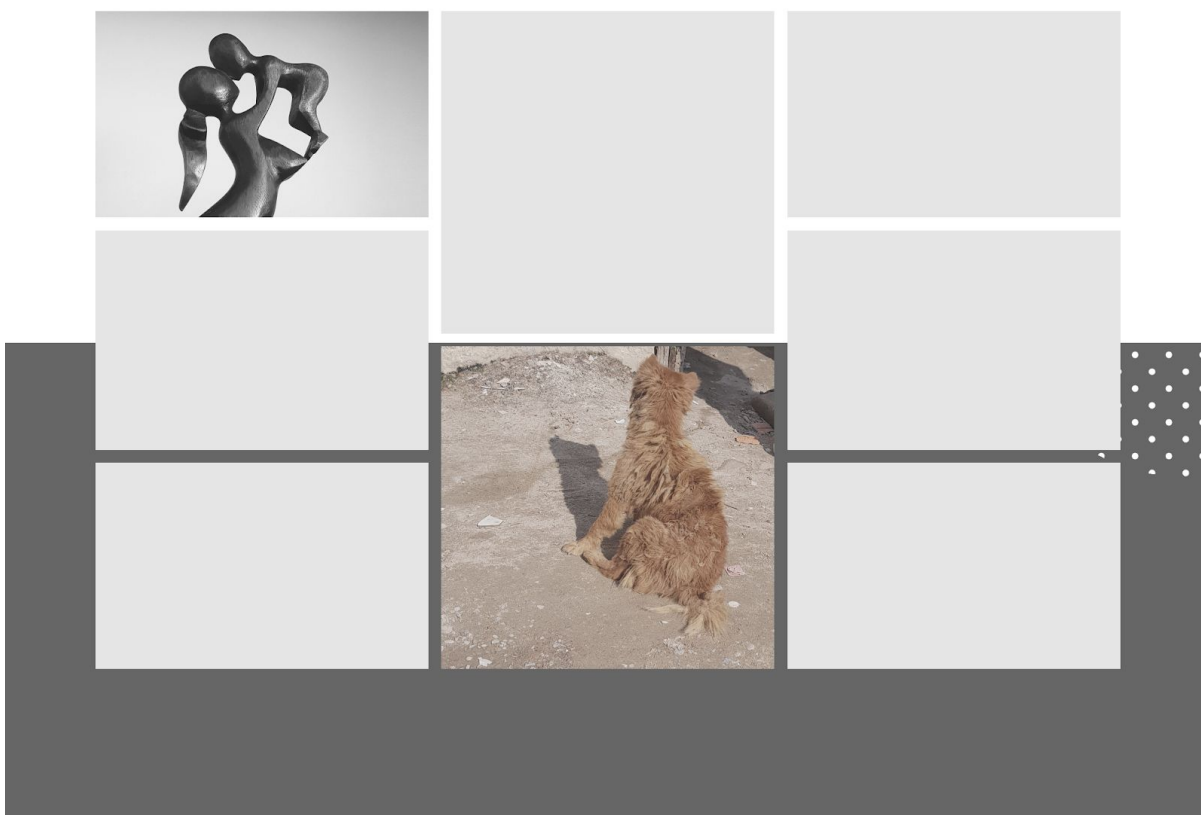
Sôra, o seu cachorro é cor de rosa??

Não existe cachorro cor de rosa!

Risos.

Claro que existe!! Na novela já vi sim. Um, todo cor de rosa.

A professora foi desmascarada em sua condição de estrangeira.



Fonte: fotos da autora

“...E foste um difícil começo

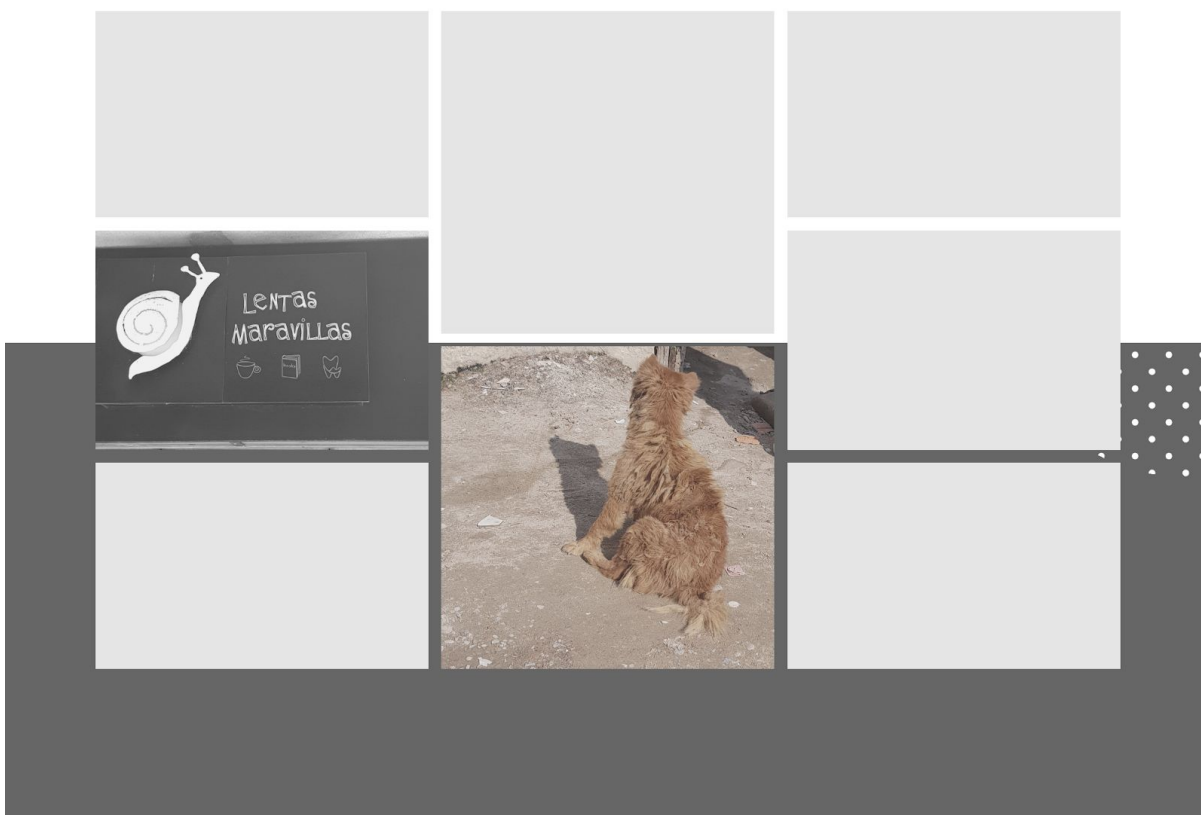
Afasto o que não conheço

E quem vem de outro sonho feliz de cidade

Aprende depressa a chamar-te de realidade

Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso...”

Sampa, música de Caetano Veloso.



Fonte: fotos da autora

Não são as Parcas as senhoras do tempo? São elas que tecem os fios da vida e permitem que maravilhas possam ser construídas. Se a lentidão é um predicado do tempo, podemos supor que haja outros adjetivos para ele. Suspensão do tempo, um tempo de espera, como o tempo de gestação, de hibernação. Tempo que possibilita voltas e reviravoltas. Tempo capaz de fazer uma pausa frente à dureza e à dor, e quando houver suporte e criatividade suficientes à vida, retornar a girar. Gira, gira cata vento...

6.3 A montagem



Fonte: fotos da autora

A rasgadura da imagem em inúmeros versos, discursos e questões trabalha como se o tempo estivesse em seu modo suspensão: favorece amadurecimentos e podas. Permite que o não-saber produza seus efeitos de abertura, de insuficiência e, quiçá, de liberdade.

Entre cada tensionamento das imagens, a dialética presente no diálogo entre os campos da filosofia e da psicanálise produz um tempo necessário à quebra da caixa da representação. O brincar infantil, elaborado como uma rasgadura de imagem se aproximou do onírico do sonho, de seus desdobramentos e aberturas. A cena inicial, transformada em imagem, propiciou além da abertura de novas narrativas, um olhar diferenciado para a pesquisadora em seu fazer no território.

6.4 Da interpretação ao despertar

Coutinho Jorge (2010), em *A clínica da fantasia*, nos adverte o quanto os sonhos e a fantasia possuem uma íntima relação. Se o sonho é realização de desejo, a fantasia é seu suporte inconsciente. Nossa capacidade de fantasiar está relacionada ao funcionamento do nosso aparelho psíquico. A fantasia tem por função articular o princípio do prazer e o princípio da realidade. Segundo o autor, “a fantasia fundamental só entra em cena a partir da operação do recalque originário, cujo efeito primordial será o da instalação dessa fantasia fundamental como uma espécie de escudo protetor em relação ao real do gozo.” (2010, p.207)

Sabemos que a fantasia será constituída por cada sujeito conforme a articulação possível entre o princípio do prazer e o princípio de realidade. Ela tem função de tela protetora para o sujeito, “ela mediatiza o encontro do sujeito com o real” (Coutinho Jorge, 2010, p. 242).

Mas como isso se dá quando ainda não há sujeito constituído? O brincar é um ato fundamental às crianças e aos bebês. É através do brincar que eles buscam elaborar suas vivências. “Trata-se da construção do sujeito humano que, na relação com o Outro Cuidador, vai poder organizar sua relação consigo mesmo, com o mundo e com os objetos” (Mariotto, 2009, p.142).

O bebê é um ser de linguagem. O *infans* tem com o adulto uma condição de assimetria que facilita sua alienação ao desejo materno e à entrada na linguagem. Rezende e Vorcaro (2018, p.51) nos apontam que “é nas fendas da língua que o sujeito poderá advir”. Segundo as autoras, se na sedução materna o *infans* é capturado pela linguagem, haverá sempre uma não coincidência entre as escansões maternas e aquilo que ele é capaz de capturar. A reserva cultural do adulto permite ler o mal-estar nos bebês e *infans* muito antes deles serem capazes de fazê-lo com autonomia. Podemos dizer que o mesmo acontece com o brincar.

A assimetria entre o bebê e o adulto é agravada pela função essencial que o Outro Primordial tem à vida. Ele instaura o registro prazer-desprazer, presença-ausência. “Para efetuar essa ação (que merece ser qualificada de “específica”), requer-se um esforço que seja independente da Q'n endógena e, em geral, maior, já que o indivíduo se acha sujeito a

condições que podem ser descritas como *as exigências da vida*.” (Freud, 1895- 1990, p.405) É o adulto cuidador, na maioria das vezes, o adulto que realiza a função materna, quem exercerá a ação específica de ler o bebê em suas necessidades e, depois, ao banhar o bebê com palavras, cheiros, toques e olhar, produz e reconhece a diferença entre necessidade e demanda, que é a demanda de amor.

O trabalho de diferenciar necessidade e demanda também será do bebê. No circuito de presença e ausência, ele é inserido no registro do tempo e do desejo. Nas voltas da construção de si e do mundo, os bebês vão registrando os traços de presença materna para depois poder discernir se ela, o objeto primeiro e primário, está presente ou não. Este é o processo, no qual Freud em 1895, no Projeto para uma psicologia científica, conceberá o funcionamento psíquico muito próximo de neurônios, quantidades de energia e traços de memória. É por termos a capacidade de reavivar traços de memória que os bebês conseguem alucinar o seio. Ao terem fome, percorrem a cadeia associativa das mamadas anteriores, sugam o bico como se mamassem. Por um instante, retiram prazer de suas lembranças. Porém chupar o bico ou o seio não acaba com a fome e o bebê grita, chora, clama por esse outro, sem ainda o saber. O apelo será o fundador da ordem simbólica, o precursor da palavra.

Lacan (1964), em sua releitura do Projeto, nos apontará que lá, onde o objeto não é capaz de satisfazer o sujeito integralmente, na negativa de sua presença, surgirá o significante. O sujeito estará para sempre remetido à linguagem e o inconsciente será estruturado por essa falta. Ele será estruturado como linguagem.

Assim, originalmente a mera existência de uma representação constituía uma garantia da realidade daquilo que era representado. A antítese entre subjetivo e objetivo não existe desde o início, surge apenas do fato de que o pensar tem a capacidade de trazer diante da mente, mais uma vez, algo outrora percebido, reproduzindo-o como representação sem que o objeto externo ainda tenha de estar lá. Portanto, o objetivo primeiro e imediato do teste de realidade é não *encontrar* na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mas *reencontrar* tal objeto, convencer-se de que ele está lá... A reprodução de uma percepção como representação nem sempre é fiel; pode ser modificada por omissões ou alterada pela fusão de vários elementos...Contudo é evidente que uma precondição para o estabelecimento do teste de realidade consiste em que objetos, que outrora trouxeram satisfação real, tenham sido perdidos Freud (1925- 1990, p. 298-99).

O paradoxal é que a capacidade de alucinar/fantasiar precede o princípio de realidade. Esse só é constituído após o aparelho psíquico alucinar o objeto perdido e desejado. Torna-se fundamental, então, a capacidade de brincar que os bebês e as crianças possuem. A construção dos objetos, de si e do mundo se dá pela via do brincar, na possibilidade de fantasiar. Tal processo constrói a tela protetiva de cada sujeito ao real do gozo, da pulsão de morte.

Para dar conta das ausências maternas, os bebês brincam de se esconder, de atirar objetos e depois os reaver. Vorcaro, Martins & Lucero (2018) retomam Lacan sobre o jogar infantil:

O circuito desse jogo foi esclarecido por Lacan (1961-62/2003) ao ressaltar a necessidade da escansão operada pela ausência para a constituição da percepção e destacamento de um objeto qualquer do mundo humano. Ele salienta a função do desaparecimento entre os dois momentos de *atirar* um objeto e *recuperá-lo*. Sem esse desaparecimento, nada pode se formar no plano da imagem, sendo necessário esclarecer a relação entre o “é” que une as duas aparições do objeto e se desaparecimento intermediário, que, no plano imaginário, pode causá-lo. Não há assunção espontânea, pelo sujeito, da identidade das duas aparições, todavia, diferentes. Este “é ele”, “é ainda ele” dá à experiência mais simples da identificação o modelo e o registro. *Ele*, e depois, *ainda ele*: existe aí a visada do ser no “*ainda ele*”, no mesmo ser que aparece. Assim, no campo imaginário, o suporte do ser é rapidamente concebível (Vorcaro et al. 2018, p.216).

As autoras ainda, no mesmo texto, recuperam do Seminário de 1962-63 de Lacan, no qual os jogos de ausência-presença que os bebês prazerosamente produzem e renovam, atestam que o ritmo ou a alternância materna de presença-ausência não produzem angústia, pois aí, na falta, se instaura o desejo.

Retornamos à cena dos bebês, da boneca e do cachorro e à angústia que restou para a observadora. Walter Benjamin (1991) em seu texto *O flâneur* nos brinda com uma citação de Ferdinand Lion que traz nela a seguinte proposição: “Quem entra numa cidade, sente-se como numa tessitura de sonhos, onde o evento de hoje se junta ao mais remoto. Um prédio se associa a outro, independentes das camadas de tempo às quais pertencem; assim surge uma rua” (p.209). De que eventos foram tecidos a angústia de quem observa a rua e o brincar dos bebês? As brincadeiras realizadas da mesma forma, com a mesma intensidade, porém com atores diferentes, remetem à pesquisadora à trama do sonho. Como se ali se produzisse um sonho que repetisse o anterior.

Seguindo pelos recortes e pérolas que Benjamin reuniu no citado texto, o autor nos diz:

A rua conduz o flanelador a um tempo desaparecido. Para ele, todas são íngremes. Conduzem para baixo, se não para as mães, para um passado que pode ser tanto mais enfeitiçante na medida em que não é o seu próprio, particular. Contudo, este permanece sempre o tempo de uma infância (1991, p.185).

Lacan nos dirá que a angústia é o único sentimento que não engana. A angústia fala do encontro do sujeito com um traço do seu objeto perdido, como se a parada abrupta da espiral do desejo, no ínfimo encontro com algo tão seu e há tanto perdido, colocasse todo o sujeito em uma dolorosa espera.

A observadora da cena, em sua *flânerie*, desce às camadas da rua e da cidade onde jazem suas próprias memórias, ao tempo de construção do anteparo fantasístico ao real do gozo que lhe permitiu se constituir como sujeito. Rastros e restos nos interessam porque a partir deles somos capazes de reconstruir histórias.

Em seu texto *Construções em análise*, Freud (1937-1990) compara o trabalho do analista ao do arqueólogo pois ambos recolhem materiais do passado, restos, em seu ofício. Salienta o autor que o material passado, para os analistas, segue com algo vivo assujeitado ao recalque e por isso capaz de se apresentar em repetições, transferência e angústia. O encontro com a cena não retira a observadora do seu lugar de sujeito, nem tampouco impede que as camadas da cidade, de si, se movam aleatoriamente provocando angústia. O desamparo humano nos constitui e, talvez, ele seja um dos motores da escuta analítica.

“As ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado, que, entre os muros dos prédios, vive, experimenta, reconhece e inventa tanto quanto os indivíduos ao abrigo de suas quatro paredes” Benjamin (1991, p.194). É no encontro com outros seres humanos que compreendemos a humanidade que nos irmana e nos diferencia. A caminhada pelas ruas da favela nesse processo de recolher pérolas e escutar sujeitos nos impõe uma ética.

Dolto (2005) traz a subversiva ideia de que todos os adultos são responsáveis por todas as crianças. Nos diz a analista:

... Por que parece subversivo dizer que todo adulto deve acolher todo ser humano desde seu nascimento como ele próprio gostaria de ser acolhido? Que todo bebê e criança deve, por todo adulto, ser assistido em seu desabrochar físico, sua falta de coordenação e sua impotência física, sua afasia, sua incontinência, sua necessidade de cuidados e de segurança com o mesmo respeito que esse adulto desejaria se estivesse na situação dessa criança (e não como ele foi, ou acredita ter sido, ele próprio tratado em sua infância)? (Dolto, 2005, p.133).

Benjamin (1987), em *Brinquedo e brincadeira*, escreve “a seriedade é a esfera adequada à criança” (p.251). Tal assertiva vai ao encontro da aposta da psicanalista francesa em falar a verdade às crianças, mesmo as de tenra idade, conforme enunciamos mais acima.

Gagnebin(2013) em *História e narração em Walter Benjamin* recupera o texto do autor *Infância Berlinense* como a imagem de um labirinto, de diversas lembranças do autor, onde a temporalidade passado, presente e futuro possibilitam que seus descaminhos amorosos, de leituras e escritas se relacionem com a ideia de morte e permitam uma torção em sua obra. Através da intensidade de suas memórias, Benjamin reconstrói uma história com densidade individual e também coletiva. A autora cita Benjamin “não contam de maneira alguma sob a forma de uma *crônica*, mas apresentam diversas expedições na profundidade da lembrança” (Benjamin 1932, citado por Gagnebin, 2013, p.77)

No mesmo texto, a autora recupera o ensaio de Benjamin sobre Proust, onde o autor aponta que para o poeta os jogos de lembrar tem particular expressão, eles podem também traduzir um jogo com a morte. O ato imprevisível de lembrar submete o sujeito à perda. Segundo ela, “...submete a soberania do sujeito consciente à prova temível da perda, da dispersão e, como ressalta Benjamin no seu ensaio sobre Proust, do esquecimento” (Gagnebin 2013, p.79). O poeta, em solidão, pode permanecer em devaneio, de forma complacente e sem fim, não mais emergindo do mundo de memórias e lembranças. Há o risco de o poeta desapossar-se de si. A autora reconhece nessa crítica o surgimento da noção do *despertar*. “Exigência política e ética não de parar de sonhar, porém, muito mais, de juntar energia suficiente para confrontar o sonho e a vigília e agir, em consequência, sobre o real”. (Gagnebin 2013, p. 79).

O texto *Infância Berlinense*, para a autora, traz inúmeros exemplos de como a "incompetência infantil" (Gagnebin 2013, p. 81) é reveladora de algo da verdade que os adultos não desejam ver, saber ou ouvir. A prematuridade estrutural do bebê humano e sua total dependência do outro, suas potencialidades ainda por se realizarem e nem sequer vislumbradas, os não-entendidos que daí se originam, certamente, carregam a dimensão angustiante tanto do inconsciente quanto dos esquecimentos. Para ela, ainda, duas figuras insistem nos textos de Benjamin: o labirinto como uma vertiginosa estrutura onírica, “o avesso escondido, mas significativo das obras culturais, das cidades e dos livros” (Gagnebin, 2013, p.91) e a necessidade do *despertar*, e claro, da ação sobre o real.

Benjamin (1985) na busca da construção coletiva da memória e da história, subverte a função do sonhar, pois ao recolher os fragmentos da vida, os restos da história, os traços de memória, ele sonha que será possível um despertar, individual e coletivo, onde o passado e o futuro estejam tramados; e os esquecimentos sejam capazes de produzir uma narrativa.

Freud (1893-95/1980) ao escutar as mulheres históricas em seus padecimentos também subverteu a ordem vitoriana e da ciência. Ele enunciou que o trauma ao ser narrado poderia aliviar as dores físicas, trauma esse que elas desconheciam e conheciam. Labirinto da psiquê. Inconsciente a governar a vida.

Dolto (2005) propôs que os bebês possam conhecer a verdade: que a palavra possa lhes ser dirigida com o cuidado de lhes esclarecer as tramas e novelas familiares em que estão envolvidos.

Lacan (1964) nos nomeou como seres de linguagem. Estamos estruturados pela inserção da linguagem. Nosso corpo é clivado pelo significante. Nossa alienação ao Outro foi fundante do nosso psiquismo e as marcas desse tempo não se apagam, se modificam, se recalcam, nos estruturam.

A escuta psicanalítica dentro do território, num movimento de escuta- *flânerie*, tem densidade e complexidade. Nunca sabemos quando algo nos produzirá angústia ou sofrimento. E lá, não teremos o *setting* analítico a nos proteger. A vida nua nos remete ao nosso desamparo antes de qualquer outra percepção. E desamparados, a vertigem dos labirintos da memória e de nossos esquecimentos é acionada. *Despertar* é necessário para compreendermos o quanto estamos falando de nós mesmos e não da cena, dos bebês. *Despertar* também pode representar a potência de reconhecermos a cidade como espaço inabitável para tantos e suas consequências.

Como pensar as intervenções com bebês e pequenas crianças nesse labirinto de complexidades?

Traremos Gagnebin como uma bússola.

O fio de Ariadne que guia a criança no labirinto não é somente o da intensidade do amor e do desejo; também é o fio da linguagem, às vezes entrecortado, às vezes rompido, o fio da história que nós narramos uns aos outros, a história que lembramos, também a que esquecemos e a que, tateantes, enunciamos hoje. (Gagnebin, 2013, p.92)

A elaboração da experiência tem muitas camadas. É como uma história que precisa ser narrada várias vezes, até que o sujeito observador da cena produza um lampejo, uma diferença. Método que Freud (1905) na *Interpretação dos sonhos* já anunciava: se algo abre uma questão na narrativa de um sonho, solicite que o analisando o conte mais uma vez. A cada nova narrativa, novos significantes podem restar como enigma. Enigma para o sonhador.

Se na experiência de uma intervenção em ato, no brincar infantil de um bebê, resta angústia para a observadora/psicanalista, algo do sujeito ali se anunciou. Caminhar por entre as vielas de uma favela é um tanto diferente da *flânerie* nas ruas de Paris. Se lá Baudelaire percebia as mudanças da industrialização na cidade e em seus moradores, na favela temos o retrato da vida nua de Agamben (2014). A exclusão social e suas consequências na vida de uma comunidade é impactante, não apenas pela pobreza e seus atributos, mas porque somos partes ativas na manutenção dessa diferença.

Benjamin, ao resgatar o despertar como uma metáfora para esse momento de compreensão de si e do mundo, produz uma dobradiça importante para a elaboração desta cena. Se Freud compreende o sonho como uma produção subjetiva de desejo inconsciente, “Benjamin está interessado no sonho como lampejo possível para a construção do despertar histórico” Gurski; Perrone (no prelo). A estrutura inconsciente presente na construção do brincar infantil dos bebês remete tanto ao desejo de presentificar o objeto, quanto a uma operação de simbolização da vida nua, através da qual estes pequenos sujeitos talvez busquem qualificar suas experiências e possibilidades de viver. A presença de um adulto cuidador, encarnando o Outro e atento aos desdobramentos do brincar/sonho, oferece ao último bebê, àquele que foi nomeado como bebê, uma saída civilizatória pois o enlaça na linguagem. A intervenção promove um duplo movimento: para a criança, o apaziguamento temporário da nomeação; e para a pesquisadora, o encontro com a angústia e o posterior trabalho de elaboração aqui relatado.

Se o brincar à (a) beira do desamparo é o recurso para a construção de uma tela protetiva ao gozo, introduzir um cuidado mínimo ao bebê que brinca é assegurar um adulto cuidador, ou, em outras palavras, é encarnar o Outro e ofertar ao bebê a inserção no tecido simbólico da cultura, algo da ordem do tesouro significativo e portanto de caráter civilizatório. O despertar bem pode advir das apostas subversivas de Dolto, Freud, Lacan e Benjamin e todos os que os seguiram. Movimento que integra a nossa castração e também a possibilidade do ato que nomeia o bebê e o diferencia do resto, feito boneca, jogado na rua.

Importa, portanto, sublinhar a dimensão do despertar, como metáfora e método, a fim de não perdermos a capacidade de sonhar, narrar a vida e acreditar na potência da palavra como mola transformadora do real.

7 A SEGUNDA CENA

Entre a primeira cena e a que será logo relatada, há um lapso de tempo de quase 2 anos. Quarta-feira à tarde. Dia de trabalho com as crianças na *Casa dos Cata-Ventos*. A creche da comunidade estava fechada e várias crianças pequenas de 3 a 4 anos se somaram às brincadeiras da Casa.

O balanço era sempre um espaço valorizado pelas crianças. O balançar-se é um movimento ritmado que parece reproduzir o “*fort-da*” freudiano. Vai e vem. Vai e vem. Vai e vem. Não era incomum que ali, no movimento do balanço, crianças conversassem sobre suas vidas e questionamentos.

Eu me aproximei do balanço por perceber uma confusão armada entre as crianças. Havia um menino chorando e pedindo que ninguém o empurrasse. Seu pedido não era escutado por uma garotinha que seguia na função de o embalar apesar da veemente solicitação.

Quando fui intervir, eu o reconheci. Ele era o bebê que, ao ser nomeado de bebê e protegido por mim do carro que passava, consegue recolher a boneca da rua e ir para casa. A dupla que está em litígio é formada por ele e sua tia, apenas um ano mais velha. Ele aparentava ter 3 a 4 anos e ela, estar perto dos 5 anos.

Perguntei se podia ajudar. Ele chorando me disse que não queria ser “empurrado” pela parceira de brincadeiras. Perguntei à pequena se ela havia escutado o pedido e ela rindo, segue empurrando. Eu me abaixei e olhando nos olhos dela, disse: “Ângela, ele não está gostando de brincar assim. Quem sabe o deixamos se embalar sozinho? Se ele precisar de nossa ajuda, ele pode pedir.” A pequena relutou um pouco, mas logo foi pular corda com outras crianças.

Ele ficou sentado no balanço sem conseguir se embalar sozinho. Perguntei se ele queria minha ajuda. Ele riu e disse que sim. Pedi que ele sentasse direito e se segurasse bem forte. Perguntei se já podia embalar e se ele estava se segurando bem forte. Ele olhou para trás e riu afirmativamente. Comecei a brincadeira. Ao embalar, repetia: pernas prá frente! Quando o balanço voltava, pernas prá trás!!

Tenho um especial prazer em ensinar às crianças se embalarem sozinhas no balanço. A sensação de vertigem nos balanços de minha infância não são memórias capturadas pelo recalçamento. O prazer do meu brincar é reconhecido pelas crianças e muitas vezes fui convocada para ali ficar embalando e escutando. Uma escuta-*flânerie* de cada criança que se deleitava no balanço. As crianças flinando pelos ares e eu catando os restos de uma conversa entrecortada pelos gritos de perna prá frente, perna prá trás. Prá frente, prá trás. Uma conversa marcada pela ritmicidade da ausência-presença.

José era pequeno, tinha uma aparência frágil, parecia muito assustado com a insistência da tia, um ano mais velha que ele, naquela brincadeira. O embalo estava mais para um empurrão e a tensão entre ambos era grande. Comecei a brincadeira delicadamente e ele sorrindo, se virou para trás e me disse: “Forte! Bem forte!! Bem forte!!” Perguntei: “Você quer que eu te embale mais forte? É isso mesmo?” Ele rindo, satisfeito, responde sim com a cabeça.

Eu me surpreendo com a confiança e o desejo de se balançar forte, bem forte. Ele não aceitou que nenhuma criança interrompesse a brincadeira, nem se aproximasse para o embalar. O jogo era comigo. Forte! Bem forte!!

Ele promoveu um deslizamento do significante forte. Eu o introduzi na conversa para assegurar que ele estivesse bem seguro no balanço, ele promove o salto para ser embalado forte. Há um menino aqui que não é mais bebê e já pode se aventurar quando se sente sustentado por um adulto? O que nos aponta esse deslizamento significativo acompanhado do gozo do corpo em vertigem no balanço? Será esse deslizamento apenas languageiro, ou algo da constituição se dá nesse jogo de ida e volta, desprendimento e retorno a um adulto que o sustente nesse lugar de prazer e risco?

Quando recebemos crianças em livre demanda para brincar, observamos os tempos pulsionais, muitas vezes, numa elaboração posterior da cena, na troca de impressões da equipe. Outras vezes, a elaboração se dá num tempo de escrita e de releitura de anotações. Kessler (2017) já bem traduziu os tempos lógicos lacanianos como fio condutor do dispositivo clínico-político da *Casa dos Cata-Ventos*.

8 O OFÍCIO DE SECRETÁRIO

Trabalhar na sincronia e na diacronia da constituição psíquica de crianças é um delicado trabalho, principalmente quando falamos de uma intervenção realizada sem o conhecimento da história individual de cada criança, da novela familiar que a acolheu à vida. As cenas, tratadas nesta dissertação, aconteceram no meio da rua e, depois, no pátio da *Casa dos Cata-Ventos*. Não houve uma demanda familiar, nem mesmo uma pergunta nos foi direcionada em relação às crianças. A primeira das cenas era uma brincadeira com uma boneca no meio da rua. Havia a bisavó contando do adoecimento de sua filha, mãe e avó das crianças. Nenhuma palavra lhes era dirigida. Imersos no discurso familiar, os bebês brincavam sem que uma única palavra ou olhar lhes fosse dirigido. Corrijo, havia um olhar dirigido a eles, o olhar da pesquisadora/psicanalista.

Na segunda cena, o contexto é outro. Não estamos na rua. Há um impasse entre os pequenos para o uso do balanço no pátio da *Casa dos Cata-Ventos*. É um dia de brincar livre e muitas crianças pequenas de 3-4 anos, sem aula na creche, vieram brincar.

Nenhum endereçamento de cuidado a nós, como o usual, foi feito por qualquer adulto das famílias das crianças ali presentes. Poderíamos pensar que a ausência de adultos nesse momento da chegada das crianças para ali brincar era confiança em nosso fazer? Ou traduzia a silenciosa indiferença com o ofertado pelo projeto? Os bebês e pequenas crianças vinham, na maioria dos casos, no colo de seus irmãos e primos. A vila é bem fechada. Apenas duas entradas e ambas controladas pelo tráfego. Podemos pensar que a geografia, escondida entre muros e casas, produz uma espécie de cuidado para a grande circulação de crianças pequenas sem a companhia de adultos?

Gostaria de retomar a estruturação psíquica a partir do legado de Lacan sobre os três registros: Real, Simbólico e Imaginário. Sabemos que a estruturação psíquica se dá no encontro com o Outro, com a linguagem. Podemos supor que nossa intervenção promove registros capazes de auxiliar os pequenos a se estruturarem? Se sim, o que é necessário para o feliz enlace?

Lacan em “*O estágio do espelho como formador da função do eu*” (1949/1998) já se ocupava da função imaginária como estruturante do sujeito. É na possibilidade do encontro com o olhar materno, unificador de um corpo inicialmente fragmentado, que a criança poderá

se nomear de eu um dia. Segundo Guerra (2017), “ele já destacava, ao lado de Freud, o que há de estrutural no Imaginário, enquanto registro do corpo que acolhe as tensões fundamentais da libido”. Será no encontro com o estruturalista Saussure que Lacan decantará o inconsciente estruturado como linguagem e ressignificará seu trabalho com os três registros, Real, Simbólico e Imaginário (RSI). Guerra (2017) nos indica, em seu artigo, Impacto clínico da topologia borromeana no estruturalismo lacaniano, que o trabalho com o RSI fez com que o quarto elemento se apresentasse à Lacan, diferentemente de Freud que o denominou de realidade psíquica, como “*complexo de Édipo*”, o Nome-do-Pai.

Ou seja, é a forma como o sujeito enoda os três registros que dará a ele a estrutura implícita de sua resolução edípica.

Capanema e Vorcaro (2017) nos apontam que o quarto elemento, o quarto laço será sempre uma construção única de cada sujeito.

A despeito dessa aplicação do nó aos seus primeiros trabalhos, cabe salientar a ressalva de Lacan no Seminário RSI ([1974-1975]): a trança e o nó borromeano de três cordas não são a norma para a relação de R, S e I. O nó borromeano de três elos perfeitamente trançados não existe, ele só pode ser considerado como modelo, pois situa uma estrutura ideal do ser falante. Em cada sujeito, os sintomas explicitam que essa estrutura se constituirá, desde sempre, falhada, comportando necessariamente os lapsos dos nós, que precisarão de um quarto elo para que os três registros se mantenham atrelados "borromeaneamente". (Capanema & Vorcaro, 2017, p.391)

As autoras nos recordam que a subjetivação humana é feita de percalços e lapsos e cada sujeito será capaz de se estruturar conforme suas possibilidades.

Em 1960, com o surgimento do conceito de *objeto a*, haverá uma nova articulação entre os registros, linguagem e gozo, simbólico e imaginário que terão a mesma preponderância. Lacan, em seu retorno à Freud, destaca novamente a pulsão e o sujeito desejante apresentando em novos moldes a dimensão significante.

O sujeito, para chegar à uma posição desejante, deverá se instalar no campo do Outro, sob a operação de alienação-separação. Sujeito falta-a-ser. Mola do desejo a impulsionar a vida. Desejo que encontra percalços e faltas na trama mesma dos registros.

Para Guerra (2017), “parece-nos que Lacan recorre à topologia borromeana ao se deparar com o que, do inconsciente, não se decifra, pois, para além do deciframento operado pelo significante, há o gozo e o que dele faz cifra”. (p.39)

Ciframentos e deciframentos. Lacan segue com suas questões e torções no seu ensino. No Seminário 20, Lacan nos dirá que “o significante é signo de um sujeito” (Lacan,

1972-73/1982, p. 195, apud Guerra, 2017, p.39). E o signo importa porque tem que ser decifrado.

Por outro lado, o signo só tem alcance por ter que ser decifrado (LACAN, 1973/²⁰⁰³, p. 550). Entretanto, a dimensão da fala, ou a dit-mension, não revela a estrutura ao chegar ao término da seqüência a que conduz a decifração. A inscrição do sexual resta como o que faz cifra e aponta o único real que não pode se escrever, a relação sexual. "Falamos do valor que tem o estalão do sentido. Chegar a ele não o impede de fazer furo. Uma mensagem decifrada pode continuar a ser um enigma. {...} O analista se define a partir dessa experiência" (LACAN, 1973/²⁰⁰³, p. 550, apud GUERRA, 2017, p.40)

MARCON (2018) em sua tese de doutoramento nos dirá que

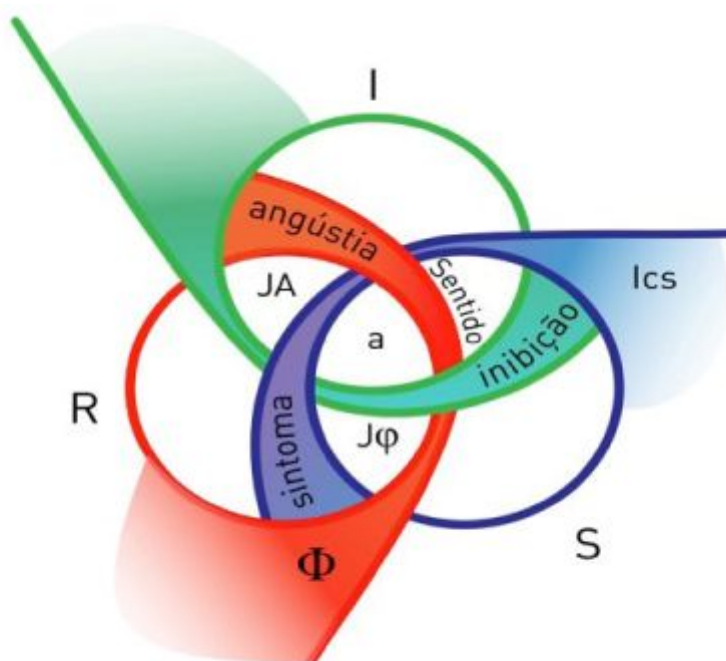
“o singular é aquilo que convence cada um de que é radicalmente diferente do outro. Ele está incluído no sintoma, é ponto de apoio para a emancipação do Outro, e é feito de não importa o quê que assegura o sujeito de que ele não é redutível a nenhum saber não sendo, portanto, mensurável”. (p.73)

Ou seja, a singularidade dos sujeitos está relacionada à maneira como estrutura seu sintoma; como o sujeito está estruturado psiquicamente; ou ainda, como foi capaz de enodar os três registros RSI e constituir o Nome-do-Pai, metáfora que limitou o seu gozo e constituiu o laço social.

As inúmeras singularidades subjetivas nos apontam que há muitas possibilidades de falhas, equívocos no trançamento dos três registros. Assim, teremos várias possibilidades de suplência, de quartos laços constituídos ali onde claudicou a trança. O Nome-do-Pai então se multiplica. A pluralidade dos Nomes-do-Pai e suas diferentes estruturas psíquicas. Guerra (2017) assim conclui:

O que Lacan subverte com a teoria dos nós é a proposição de uma solução para todos, normatizada pelo Nome-do-Pai e seu corolário, o Falo. Nesse sentido, podemos compreender a pregnância do Real. Cada sujeito, a partir do real em jogo com seu gozo, irá operar uma forma de suplência ao impossível de nomear. (p.48)

O nó borromeu é uma escrita cujos enlaces podem ser lidos clinicamente.



Fonte: Capanema & Vorcaro (2017)

Conforme nos apontam Capanema e Vorcaro (2017), “a inibição é proposta como uma detenção produzida pela intrusão do Imaginário no Simbólico; o sintoma, como efeito do Simbólico no real; e a angústia, como um transbordamento do real sobre o Imaginário do corpo.” (p. 395) E o que detém o desdobrar infinito da reta do simbólico? A intrusão do Imaginário no Simbólico criando sentido, dando consistência ao corpo.

No seminário RSI, o sintoma aparece como algo que ex-siste ao inconsciente e surge no Real.

Lacan, em o Seminário RSI ([1974-1975]), localiza o sintoma como efeito da abertura do registro do Simbólico em direção ao Real. Ele já não vem do Real, porém é um efeito do Simbólico no Real. Esse efeito, que constitui o sintoma, supõe o Um do inconsciente que passa ao Real, uma letra, um S_1 separado, produto não da repressão secundária contida nas formações do inconsciente, mas de uma fixação de gozo que o inconsciente não cessa de escrever e que indica o Simbólico entrando no Real, tratando-se aqui do "sintoma-letra de gozo" (Schejtman, 2013, apud Capanema & Vorcaro, 2017)... Na topologia borromeana, o gozo do Outro é o gozo do corpo que não se escreve, visto que não todo fálico, gozo fora da linguagem, fora do Simbólico. (Capanema & Vorcaro, 2017, pp. 401-402)

Registro aqui que o brincar infantil tem importante função na inscrição da letra, construção do sintoma infantil, exercício psíquico do sujeito em constituição. O brincar comporta o jogo pulsional que permite aos três registros seguirem seu movimento e a consequente estruturação psíquica da criança. Será no trançamento do real, imaginário e

simbólico que se produzirá a alienação ao desejo materno e em outro tempo, após outros movimentos, separação necessária para o surgimento do sujeito. Alienação-separação processos da nossa constituição como humano.

Gostaria de me aventurar a emprestar de Lacan (1956) o termo *secretário do alienado* para pensar a intervenção realizada na rua com o bebê brincando com a boneca e o posterior desdobramento, a cena do balanço.

Lacan (1956), em seu Seminário As Psicoses, recupera da Psiquiatria o termo *secretário do alienado* para trabalhar o posicionamento ético do psicanalista frente a pacientes psicóticos. Nesse seminário, ele resgata a função da fala e do significante como aqueles que produzirão uma torção entre Psiquiatria e Psicanálise.

Vamos aparentemente nos contentar em passar por secretários do alienado. Empregam habitualmente essa expressão para censurar a impotência dos seus alienistas. Pois bem, não só passaremos por seus secretários, mas tomaremos ao pé da letra o que ele nos conta -- o que até aqui foi considerado como coisa a ser evitada. Não é por ter estado longe o bastante na sua escuta do alienado, que os grandes observadores que fizeram as primeiras classificações tornaram sem vigor o material que lhes era oferecido?-- a tal ponto que lhes pareceu problemático e fragmentário. (Lacan, 1956, pp.235-236)

Para os psiquiatras, à época, proceder a escuta dos delírios era se enveredar pela impotência. Os ditos dos psicóticos eram categorizados, mas não escutados. Nas palavras de Costa e Freire (2010)

Paradoxalmente, o manejo de secretário, explicitado por Lacan a partir da torção em relação à Psiquiatria, constitui uma postura que, antes de ser lacaniana, é, no essencial, freudiana; ela se erige desde o retorno às balizas do ‘ato inaugural’ despendido por Freud em sua análise das Memórias de um doente dos nervos, de Daniel Paul Schreber. (p.73)

Foi Freud que, ao ler os escritos de Schreber, percebeu que ali o sujeito estava preocupado. Como um decifrador de enigmas, tomou a literalidade das palavras daquele texto como uma carta que merecia resposta. Ao pé da letra, o sujeito transpareceu para Freud que reconheceu que nos escritos também se encontrava a estrutura de seu escritor, Lacan, no mesmo seminário, na mesma aula onde propõe que o psicanalista se contente em ser secretário do alienado, proporá uma pergunta: “Por que então, condenar de antemão à caducidade o que se externa de um sujeito que se presume estar na ordem do insensato, mas cujo testemunho é mais singular, e mesmo inteiramente original?... não guarda talvez seu testemunho o seu valor?” (p. 237)

Os delírios não estão concernidos ao biológico, à patologia como dizem os psiquiatras. Eles estão relacionados à forma como os sujeitos se relacionam com a linguagem.

O sujeito dá testemunho efetivamente de uma certa virada na relação com a linguagem, que se pode nomear erotização, ou apassivação. Sua maneira de sofrer em seu conjunto o fenômeno do discurso revela-nos seguramente uma dimensão constitutiva, uma vez que não procuremos o menor denominador comum dos psiquismos. Essa dimensão, é a distância entre o vivido psíquico, e a situação semi-externa em que, em relação a todo fenômeno de linguagem, se acha não somente o alienado, mas qualquer sujeito humano. Metodologicamente, estamos, portanto, no direito de aceitar o testemunho do alienado em sua posição em relação à linguagem, e devemos tê-lo em conta na análise de conjunto das relações do sujeito com a linguagem. É o interesse maior e permanente do legado que Schreber nos fez de suas memórias, coisa efetivamente memorável e digna de ser meditada. (Lacan, 1956, p.237-238)

Nessa mesma aula, onde ele constrói o fenômeno do significante como central ao delírio e, também, ao sujeito, Lacan expressa o valor do testemunho que o alienado nos dá de sua particular relação com a linguagem.

Assumir o papel de secretário do alienado, é acolher o testemunho possível e com isto implicar o sujeito em sua produção, em sua posição frente ao significante. Nos explicam Costa e Freire (2010),

Se Freud não deixou de enxergar a implicação de Schreber em seu escrito, se Lacan, entra no discurso analítico reconhecendo Aimée na passagem ao ato, delírio e “escritos inspirados” trata-se em Psicanálise, das consequências éticas envolvidas nesta função que é o saber-fazer com o inconsciente a partir da escrita.(p.89)

Gostaria de sublinhar o papel de acolher o testemunho possível do sujeito e sua produção como a ética da própria Psicanálise. Secretariar o alienado é escutar ao pé da letra aquilo que o sujeito é capaz de dar a ver pela sua escrita, pelo seu dizer.

Proponho que, ao termo alienado, possamos incluir quem está em processo de alienação ao Outro, para abarcar os bebês e o tempo próprio de quem está às voltas com a alienação-separação, em pleno movimento de estruturação psíquica. Se, frente ao psicótico, é necessário que o analista escute ao pé da letra; frente ao bebê, é necessário que o *dado a ver* possa ser lido, posto que ainda não há possibilidade de ele falar de si.

Volto à primeira cena.

Estar na rua, com o olhar atento ao que acontecia, aos fragmentos de falas, às brincadeiras que aconteciam ao redor produziu uma atenção flutuante diferenciada. A

intervenção se deu num tempo que se desdobrou no próprio ato, inscrevendo algo tanto na analista quanto no bebê. Ele foi nomeado de bebê para produzir diferença com a boneca, que ele queria resgatar da rua; para produzir cuidado. À analista, restou angústia, já mencionada no capítulo anterior.

“Saber-fazer com o inconsciente a partir da escrita”, conforme Costa e Freire (2010, p. 89) pode ser estendido ao saber-fazer com o inconsciente a partir do dar a ver da produção de um bebê? O brincar infantil é trabalho de construção de si e do mundo. É o exercício de recobrir o real com os curtos cobertores do imaginário e do simbólico de que se dispõe da infância. Quanto mais jovem é uma criança; quanto menor é a herança simbólica que os pais têm a transmitir, menores serão os recursos para o ofício de viver e se tornar um fala-ser. Ter um adulto que encarne o Outro devolvendo ao bebê uma leitura de sua produção, do seu brincar, que o suponha num lugar de sujeito é essencial. É a produção mesma de um sujeito.

Se inúmeras são as chances de algo claudicar nesse tempo estrutural, são também múltiplos os Nomes-do-Pai. Isso nos permite dizer que os bebês e crianças são capazes de inventar, de produzir suplência, de inventar um quarto laço para sobreviver às faltas que acompanham a vida

Somaremos uma terceira cena à discussão. Outro cenário, outro bebê. A pesquisadora, aqui, recorda uma cena onde o seu ofício era a Medicina. Uma consulta para uma bebê de 8 a 10 meses aproximadamente pois me recordo, já se sentava sozinha. A bebê foi trazida à consulta por sua mãe e uma babá. A criança estava em franco desconforto respiratório e estava no colo da babá. Sua mãe falava da história de adoecimento de sua filha sem lhe lançar um olhar sequer. Fui examinar a bebê. Quem a colocou sobre a maca e tirou sua roupa foi a babá. A mãe, ao pé da maca, observava, se mantinha à distância. Não conversou com sua bebê, não se aproximou. Fui chegando perto e conversando, como de costume, com a bebê. Prefiro, sempre que possível, auscultar bebês sentadinhos. É uma posição em que eles podem ver meus movimentos, se esquivar, tocarem o estetoscópio, explorarem quando me aproximo e lhes toco. Por hábito ou cuidado, ao fazer a ausculta, coloco uma mão nas costas para sustentar os bebês. Para minha surpresa, à época, a bebê não me estranhou, nem chorou. Ao colocar minha mão em suas costas e iniciar o exame físico, ela se derreteu como manteiga. Foi se aproximando até colar o rosto dela em mim. Nenhum movimento da mãe. Nenhuma palavra à cena da sua filha, bebê, que se derretia ao toque de uma médica que ela via pela primeira vez na vida.

Resgato essa cena para, como propôs Didi-Huberman, rasgar as cenas anteriores. E, assim afirmar, que a geografia, a condição social não são determinantes dos processos psíquicos de um bebê. E eles, os bebês, são capazes de buscar, mesmo em estranhos, um adulto que seja capaz de acolher o seu mal-estar e quiçá, seja capaz de uma ação específica, conforme nos ensinou Freud (1895), para que tenha fim o seu intenso desconforto.

Lacan com a sua teoria dos nós promoveu uma nova subversão. O Nome-do-Pai não é condição única para a subjetivação. Cada sujeito deverá encontrar a(s) suplência(s) necessária(s) para lidar com o real de seu gozo e com o impossível de nomear. Múltiplos serão os Nomes-do-Pai, assim como as singularidades dos sujeitos.

O trabalho com crianças muito pequenas exige um cuidado com os tempos pulsionais do sujeito que se estrutura. A sustentação da palavra, a oferta de novos significantes foram uma aposta realizada, na *Casa dos Cata-Ventos*, de que no encontro rápido de uma tarde, de uma brincadeira, a criança pudesse ampliar os seus registros. Talvez, do gozo próprio do controle do corpo, da inscrição de um cuidado, a transferência pudesse ser construída. Transferência importante para os deslizamentos metonímicos, quiçá, metafóricos, possibilitando uma nova posição ao sujeito.

O corpo durante toda a primeira infância é palco das experimentações. São experimentações que antecedem a capacidade de falar. Chupar o dedo, chupar o pé, correr, subir, se esconder, se mostrar. Do autoerótico até a escolha de objeto. Estar acompanhando as produções de bebês e crianças pequenas é estar ao pé do corpo, antes mesmo de poder escutar ao pé da letra. Secretariar o alienado, na primeira infância, é reconhecer os movimentos pulsionais do bebê e da pequena criança e intervir sustentando um devir a eles. Trabalhar com crianças é suportar o enigma dos desdobramentos possíveis a cada um. Não é essa a posição ética do analista? Poder sustentar a palavra, o equívoco e possibilitar que o sujeito se reposicione frente a seu desejo? O que resta a quem escuta ou lê *um dado a ver* de um brincar infantil? Desde Freud, sabemos que quem fala não sabe o que fala; quem brinca, não sabe o que exatamente encena. E, por isso mesmo, as falas e brincades podem ser parcialmente decifrados, sem deixar de seguir sendo um enigma. Devolver o enigma a quem fala ou brinca, possibilita a abertura de sentidos. Não seria a produção de novos sentidos, de fora-de-sentidos, o movimento pulsional que lança os sujeitos à mola do desejo, que lança a pequena criança no trabalho de estruturação psíquica em si? Nas palavras de Guerra (2017, p.50), “é, portanto, de cortes, suturas e enlaçamentos que se trata numa análise”. Penso que o

trabalho psicanalítico que ocorreu na *Casa dos Cata-Ventos* sustentou tal ética, permeada de cortes, enlaçamentos pelas palavras, inscrição de desejo e produção de enigmas.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse ensaio buscou, para elaborar a intervenção realizada na rua, percorrer o caminho dos psicanalistas que teorizaram a partir de sua prática clínica. Freud, Lacan, Dolto, Manonni e tantos outros permitiram que a sua *praxis* interrogasse a teoria e, desta forma, propiciaram que as perguntas os lançassem num trabalho criativo.

Testemunhar o brincar à (a) borda do desamparo produziu enigmas ao longo de todo o percurso do mestrado. O maior deles foi sustentar a ética necessária a quem trabalha com a infância: jamais fechar o olhar à potência de vida que cada sujeito carrega e dispõe. O leitor perceberá que na descrição das cenas, as crianças foram nomeadas com diferentes nomes em momentos distintos da dissertação. Há o cuidado ético de não identificar as crianças, mas na troca constante dos nomes, indico o quanto o processo de subjetivação é universal a todas as crianças.

Turriani, Dunker, Neto, Lana, Reis, Beer, Lima & Bertanha (2018) questionam qual o saber que se produz na escrita de um caso clínico. Aproximo aqui a elaboração das cenas com a apresentação de um caso clínico para seguirmos um pouco mais em nossa elaboração. Segundo os citados autores,

Antes, o caso clínico, ao mesmo tempo que apresenta como uma espécie de núcleo duro de uma teoria, também permite construções epistemológicas que trazem o novo e o incongruente para a mesa. Além disso, o caso permite a cristalização de um momento em que a teoria é colocada em prática e pode ser reconstruída. Como uma fotografia, ele permite que se estabeleçam relações entre a práxis e o campo social; a partir do estudo de um caso e suas referências, é possível reentrelaçar o que muitas vezes é desmembrado, a saber, o clínico e o social. (p.78)

O exercício filosófico proposto por Didi- Huberman com as imagens divergentes permitiu à pesquisadora dois importantes movimentos: o distanciamento da violenta realidade da vila através do trabalho com as fotos e o reencontro com a potência da infância. As cenas com os bebês à porta da casa sempre foram de difícil conciliação. A cena do brincar à rua, talvez, tenha condensado um longo mal-estar. Era necessário tratar da cena com distanciamento. Tomá-la como um objeto de arte e trabalhar os conteúdos não manifestos através da rasgadura da imagem foi um procedimento, o exercício filosófico em si. A busca de uma imagem que pudesse, no encontro com outras, abrir narrativas foi como um trabalho de interpretação de sonho. A foto condensava a cena relatada, assim como num sonho. A

dialética produzida no encontro das imagens proporcionou novas narrativas que ampliaram o olhar e introduziram a pesquisadora na cena, sem possibilidade de recuo. Se o sonho é do sonhador, a narrativa é de quem a compõe.

A escolha da foto que representava a cena se deu, objetivamente, pela estética. Era necessário encontrar, nas fotos que a pesquisadora tinha em seu drive, uma que condensasse o enredo. Foi escolhida a foto do cachorro caramelo, sentado na rua, em frente à *Casa*. Só num segundo momento, pela pontuação de um colega psicanalista, foi possível perceber a escolha inconsciente da foto: o cachorro sentado, que nomeia a vila onde trabalhávamos. É do encontro com o Outro que podemos tecer novos sentidos e reconhecer como numa imagem há sempre outros elementos nela escondidos.

Das imagens divergentes do Didi-Huberman à interpretação do sonho freudiano. Dos restos diurnos do sonho ao catador de restos e traços que a *flânerie* propõe como uma forma de escuta possível. Sobras e restos nos interessam sempre, pois são eles que carregam os fragmentos do tempo e contam como nos estruturamos. A cadeia significante a qual estamos enlaçados nos brindará com um resto de discurso, um significante no qual nos reconheceremos. Filosofia e Psicanálise permitiram que a experiência de testemunhar o brincar à (a) borda do desamparo delineasse o próprio desamparo da pesquisadora.

Gagnebin (2013) nos recordará que Benjamin, em *Crônica berlinense*, trabalhará a vida como um labirinto, como um grande enigma a ser percorrido. Nos dirá a autora,

“... uma certa complacência em relação à ‘vertigem’, à ‘queda eterna’ ou ao sonho, complacência característica de certos textos surrealistas (e da sua profusão verbal), é recusada por Benjamin, que insiste na necessidade do *despertar* e da ação. Para Benjamin, o labirinto não é somente uma estrutura onírica vertiginosa: mas essencialmente, ele constitui o avesso escondido mas significativo das obras culturais, das cidades e dos livros...” (p.91)

Foi na escrita das cenas que a vertigem se corporificou. Como pensar a intervenção que ocorreu na rua? Cuidado e intervenção se misturam, na primeira infância, como nos ensinou Freud (1895). Será esse o avesso escondido a que se refere o filósofo? A cultura, as cidades e os livros são todos eles construídos da mesma humanidade que recalamos. Ao catarmos restos de brincades e cenas podemos ser dragados aos labirintos da própria psiquê, mas é necessário estarmos atentos para não sermos complacentes e agirmos, como sugere Benjamin. A cidade nos apresenta o nosso avesso. Durante esse processo de escrever sobre o avesso, a cena que provoca vertigem, optei por mudar o tipo da letra quando algo do

testemunho se impunha. Quem sabe assim poder provocar um pouco de vertigem em quem lê?

Pensar o secretário do alienado como posição ética do analista em intervenções extramuros é como encontrar um eixo em torno do qual é possível não sucumbir à vertigem causada pelo encontro com o próprio desamparo. Ser testemunha da vida nua, daqueles que nascem e vivem em alguns territórios de vulnerabilidade e violência, exige que o analista esteja advertido do labirinto que enfrentará. Ter, como norte ético, a leitura do *dado a ver* e das produções do brincar infantil, permitindo que o sujeito em constituição possa ali ser reconhecido e sustentado, me parece ser uma boa resposta para esse enigma do avesso escondido. Boa resposta porque é norte, é movimento, é despertar e ação. Escutar ao pé da letra, como nos orienta Lacan (1956) e ao pé do corpo, ao ler as produções do brincar de bebês como languageiras, não ignorando que ali há um enigma para que o Outro decifre, é permitir que a polissemia das palavras faça o seu milagre.

Arendt (1966/2018) em sua palestra “*Liberdade para ser livre*” nos apontou que

...este misterioso dom humano, a capacidade de começar algo novo, tem a ver com o fato de que cada um de nós veio ao mundo como um recém-chegado ao nascer. Em outras palavras, podemos iniciar alguma coisa porque *somos* início e, portanto, iniciantes. Na medida em que a capacidade de agir e de falar - e falar não é senão outro modo de agir - nos torna seres políticos, e uma vez que agir sempre teve o significado de pôr em movimento algo que não estava lá antes, o nascimento, a natalidade humana - que corresponde à mortalidade humana - é a condição ontológica *sine qua non* de toda política. (p. 43,44)

As palavras de Arendt remetem, talvez, a uma das maiores potências que a polissemia das palavras é capaz de construir, a política. Penso a política como condição de construção humana, coletiva, que resolve diferenças e é mediada pelas palavras. Quando, então, um analista é capaz de escutar um sujeito e na transferência, auxiliar que ele se sinta concernido pela própria palavra, ao seu próprio desejo, estamos frente a um ato psicanalítico ontologicamente político. A *Casa dos Cata-Ventos*, experiência de onde esse ensaio surgiu, foi uma intervenção clínica-política pois sempre sustentou a aposta de intervir na vida comum das crianças, no seu brincar, na escuta das questões das crianças e dos adolescentes propiciando a cada um o encontro com *le parler vrai* e o trabalho inerente a isso. Quem é escutado, apreende a palavra como meio de transformação. Sujeitos quando escutados são capazes de criar voz e potência, sejam eles bebês, crianças, adolescentes ou adultos. *Dar voz* é apresentar um *locus* na política, na *pólis*, na vida.

O brincar à (a) borda do desamparo deixa de produzir angústia quando as palavras voltam a narrar a potência da vida.

REFERÊNCIAS

- Arendt, H. (2011) *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva.
- Arendt, H. (2018) *Liberdade para ser livre*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2020). Recuperado de <http://www.atlasbrasil.org.br/ranking>.
- Bezerra Jr, B. & Milman, L. (2008) *A casa da árvore: uma experiência inovadora na atenção à infância*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Benjamin, W. (1987) *Obras escolhidas Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Benjamin, W. (1991) *Obras escolhidas III Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Benjamin, W. (2017) *Rua de mão única. Infância berlinense:1900*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Capanema, C. A. & Vorcaro, A. M. R. (2017). A condição do ser falante no nó borromeano. *Estilos da clínica Revista USP*, 22(2), 388-405.
- Coppus, A. N. S. (2013) O lugar do corpo no nó borromeano: inibição, sintoma e angústia. *Tempo psicanalítico*, 45(1), 15-27.
- Costa, C. A. R. & Freire, A. B. (2010). Lacan, secretário do alienado. *Mental*, 8(14), 65-91.
- Didi-Huberman, G. (2010) *O que vemos, o que nos olha*. Paulo Neves (Trad.). São Paulo: Editora 34.
- Didi-Huberman, G. (2013) *Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte*. Paulo Neves (Trad.). São Paulo: Editora 34.
- Dolto, F. (1999) *Tudo é linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Dolto, F. (2005) *A causa das crianças*. Aparecida- SP: Idéias & Letras.
- Fernandes, C. M. (2018) A psicanálise é uma prática de leitura: a clínica com o bebê é sua forma mais radical. In Vorcaro, A. M. R., Santos, L. C. & Martins, A. O. (Orgs.), *O bebê e o laço social: uma leitura psicanalítica*. (pp. 147-157) Belo Horizonte: Artesã.
- Ferrari, A. G. (2003) *Tornar-se mãe: a maternidade da gestação até o primeiro ano de vida do bebê*. (Tese de Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Porto Alegre.
- Fonseca, C. (2000) *Família, fofoca e honra: relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre, RS: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- Freud, S. (1950 [1895]) Projeto para uma psicologia científica In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990. (Publicado originalmente em 1950).
- Freud, S. (1915) Pulsões e seus destinos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. (Publicado originalmente em 1915).
- Freud, S. (1920) Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro. Imago, 1990. (Publicado originalmente em 1920).
- Freud, S. (1925). A negativa. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (pp. 291-300). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1990. (Publicado originalmente em 1925).
- Freud, S. (1937). Construções em análise. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (pp. 289-304). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1990. (Publicado originalmente em 1937).
- Gagnebin, J. M. (2013) *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva.
- Garcia-Roza, L.A. (1995) Artigos de metapsicologia, 1914-1917. In: *Introdução à metapsicologia freudiana*, 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed
- Guerra, A. M. C. (2017) Impacto clínico da topologia borromeana no estruturalismo lacaniano. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 20(1), pp. 35-51.
- Gurski, R. R. (2008) *Juventude e paixão pelo real: problematizações sobre experiência e transmissão no laço social atual*. (Tese de Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre.
- Gurski, R. R. (2016) *A psicanálise na socioeducação: a escuta-flânerie com agentes socioeducativos*. Projeto de Pesquisa. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Gurski, R. R. & Strzykalski, S. (2018) A pesquisa em psicanálise e o “catador de restos”: enlacs metodológicos. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 21, pp.406-415.
- Gurski, R. R. (2019) A escuta-flânerie como efeito ético-metodológico do encontro entre Psicanálise e socioeducação. *Tempo Psicanalítico*, 51(2), pp. 166-194.
- Gurski, R. R. & Perrone, C. (no prelo) *Psicanálise, Benjamin, sonhos e política*.
- Jerusalinsky, J. (2011) *A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê*. Salvador: Ágalma.
- Jorge, M. A. C. (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan. A clínica da fantasia*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

- Kessler, H. P. (2017) *O balanço e o tempo: a escrita da experiência na Casa dos Cata-Ventos*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Clínica e Cultura, Porto Alegre.
- Lacan, J. (1945) O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In Ribeiro, V. (Trad.), *Escritos*. (pp.197-213) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. (Publicado originalmente em 1945).
- Lacan, J. (1954-55) *O seminário Livro 2 o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. (Publicado originalmente em 1978).
- Lacan, J. (1955-56) *O seminário Livro 3 as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. (Publicado originalmente em 1981).
- Lacan, J. (1956-57) *O seminário Livro 4 a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. (Publicado originalmente em 1994).
- Lacan, J. (1956) O seminário sobre “A carta roubada”. In Ribeiro, V. (Trad.), *Escritos*. (pp. 13-66) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. (Publicado originalmente em 1956).
- Lacan, J. (1964) Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista. In Ribeiro, V. (Trad.), *Escritos*. (pp. 865-868) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. (Publicado originalmente em 1964).
- Lacan, J. (1964) *O seminário Livro 11 os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. (Seminário ministrado em 1964 e publicado originalmente em 1973).
- Mannoni, M. (1995) *Amor, ódio, separação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Marcon, H. H. (2018) *Quando o sujeito descompleta o universal*. (Tese de Doutorado) Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, São Paulo.
- Mariotto, R. M. M. (2009). *Cuidar, educar e prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês*. São Paulo, SP: Escuta.
- Neves, B. (2018) Subjetivação em risco: o advento do sujeito prescinde da condição do Outro? In Vorcaro, A. M. R., Santos, L. C. & Martins, A. O. (Orgs.), *O bebê e o laço social: uma leitura psicanalítica*. (pp. 69-85) Belo Horizonte: Artesã.
- Observatório da Cidade de Porto Alegre (2016). Recuperado de http://observapoa.com.br/default.php?reg=272&p_secao=46.
- Pesaro, M. E.; Merletti, C. K. I.; Fadel, A. M. B.; Tiussi, C. C. & Kupfer, M. C. M. (2012) Efeitos da intervenção institucional: da agitação motora ao brincar simbólico. In: Kupfer, M. C. M., Bernardino, L. M. F. & Mariotto, R. M. M. (Orgs.), *Psicanálise e ações de prevenção na primeira infância*. (pp. 243-258) São Paulo: Escuta/Fapesp.
- Pires, L.P. (2018) *A construção da escuta-flânerie: uma pesquisa psicanalítica com agentes socioeducadores que atendem adolescentes em conflito com a lei*. (Dissertação de Mestrado)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Psicanálise Clínica e Cultura, Porto Alegre.

- Quinet, A. (2002) *Um olhar a mais. Ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor.
- Ranciére, J. (2009) *A partilha do sensível: estética e política*. Mônica Costa Netto (Trad.) São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34.
- Ranciére, J. (2018) *O desentendimento: política e filosofia*. Ângela Leite Lopes (Trad.) São Paulo: Editora 34.
- Rezende, A. O. & Vorcaro, A. M. R. (2018) Os (des)encontros do *infans* com a linguagem. In Vorcaro, A. M. R. & Santos, L. C. & Martins, A. O. *O bebê e o laço social: uma leitura psicanalítica*. (pp. 45-68) Belo Horizonte, MG: Artesã.
- Rosa, M. D. (2016) *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta/Fapesp.
- Safatle, W. (2008) *Videoconferência A psicanálise lacaniana como teoria social*. Núcleo Márcio Peter de Ensino. Conexão Lacaniana. São Paulo, 2008. Recuperado a partir de: http://marciopeter.com/links2/inter/safatle_pdf.pdf
- Turriani, A., Dunker, C., Kyrillos Neto, F., Lana, H., Reis, M. L., Beer, P. Lima, R. A. & Bertanha, V. (2018) O caso clínico como caso social. In Safatle, V., Silva Junior, N. & Dunker, C. (Orgs.) *Patologias do Social Arqueologias do sofrimento psíquico*. (pp. 59-79) Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Vorcaro, A. (1999) *Crianças na Psicanálise: clínica, instituição, laço social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Vorcaro, A. M. R.; Martins, A. & Lucero, A. (2018) Quando a dor constitui a primeira exterioridade. . In Vorcaro, A. M. R. & Santos, L. C. & Martins, A. O. *O bebê e o laço social: uma leitura psicanalítica*. (pp. 205-235) Belo Horizonte, MG: Artesã.

